



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

Intervenção em diferentes tipologias de espaço abertos

Filipe José de Matos Pinto

Orientador:

Prof. Doutora Aurora Carapinha

Coorientador:

Arq.º Paisagista Luís Ricardo Silva Campos

abril 2012

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

Intervenção em diferentes tipologias de espaço abertos

Filipe José de Matos Pinto

Orientador:

Prof. Doutora Aurora Carapinha

Coorientador:

Arq.º Paisagista Luís Ricardo Silva Campos

Agradecimentos

Aos meus pais e à minha irmã por todo o apoio ao longo destes anos de formação académica.

Resumo

Intervenção em diferentes tipologias de espaço abertos

Este trabalho consiste no relatório de estágio curricular, parte integrante e conclusiva do mestrado em Arquitetura Paisagista. O estágio foi desenvolvido na empresa *BB Consulting SA*, tendo como objetivo o desenvolvimento de projetos de arquitetura paisagista, nas diferentes fases que compõem o projeto. O presente relatório desenvolve-se sobre o tema de trabalho “Intervenção em diferentes tipologias de espaço abertos”, sendo objeto de estudo a forma como as diferentes tipologias foram abordadas na realização dos projetos de arquitetura paisagista executados no período de estágio.

Neste relatório é apresentado todo o trabalho realizado em cada projeto, assim como as tarefas realizadas e a forma como foram desenvolvidas.

Palavras-chave:

Tipologias, Espaços Abertos, Projeto de Arquitetura Paisagista

Abstract

Intervention in different typologies of open spaces

This paper is a report of traineeship and conclusive part of the Master in Landscape Architecture. The internship was developed in the company BB Consulting SA, aiming at the development of projects of landscape architecture in the different phases of the project. This report is developed on the theme "Working intervention in different types of open spaces", being subject to study how the various types were raised in the completion of projects of landscape architecture implemented in the probationary period.

This report is presented all the work done in each project and the tasks performed and how they were developed.

Keywords:

Typologies, Open Spaces, Landscape Architecture project

Índice

1 – Introdução	12
2 – Motivação / Objetivos	13
3 – O Local e Equipa.....	14
4 – O Projeto (a obra do arquiteto paisagista)	16
4.1 – Fases do Projeto de Arquitetura Paisagista.....	17
4.2 – Metodologias	21
5 – Apresentação dos Trabalhos Desenvolvidos	23
5.1 - Projeto de Arranjo Paisagístico do Parque do Picoto – São Lázaro – Braga	25
5.1.1 - Lugar e programa	25
5.1.2 - O Projeto	27
5.1.3 - Considerações pessoais.....	34
5.2 - Cemitério da Boidobra - Covilhã.....	36
5.2.1 - Lugar e programa	36
5.2.2 - O Projeto	38
5.2.3 - Considerações pessoais.....	39
5.3 - Requalificação da Praça de Armas do Castelo de Lamego	41
5.3.1 - Lugar e programa	41
5.3.2 - O Projeto	42
5.3.3 - Considerações pessoais.....	43
5.4 - Requalificação do Espaço Público da Zona Histórica de Vila Nova de Foz Côa.....	45
5.4.1 - Lugar e programa	46
5.4.2 - O Projeto	47
5.4.3 - Considerações pessoais.....	52
5.5 - Parque Temático em Rebordosa	53
5.5.1 - Lugar e programa	53
5.5.2 - O Projeto	55
5.5.3 - Considerações pessoais.....	58
5.6 - Projeto do Minigolfe de São Pedro Nordestinho – São Miguel - Açores	60
5.6.1 - Lugar e programa	60
5.6.2 - O Projeto	62
5.6.3 - Considerações pessoais.....	64

5.7 - Centro Escolar do Fundão	66
5.7.1 - Lugar e programa	66
5.7.2 - O Projeto	67
5.7.3 - Considerações pessoais.....	70
6 – Conclusão	72
Bibliografia.....	74
Anexos.....	76

Índice de Figuras e de Quadros

Figura 1 - Instalações e espaço de trabalho da Empresa BB Consulting, SA	1
Figura 2 - Organograma da Empresa BB Consulting, SA	1
Figura 3 - Cronograma dos Projetos realizados.....	1
Figura 4 - Quadro Resumo do Projeto de Arranjo Paisagístico do Parque do Picoto – São Lázaro – Braga.....	1
Figura 5 - Vista do Monte do Picoto sobre a cidade de Braga	1
Figura 6 - Percurso principal de acesso ao cume do monte	1
Figura 7 - Localização da área de intervenção, à escala da cidade de Braga	1
Figura 8 - Quadro Resumo do Projeto de Ampliação do Cemitério da Boidobra - Covilhã.....	1
Figura 9 - Localização da área de intervenção	1
Figura 10 - Situação atual da área de intervenção (no primeiro plano)	1
Figura 11 - Simulação gráfica da vista aérea sob a proposta	1
Figura 12 - Simulação gráfica dos planos de ossários e envolvente.....	1
Figura 13 - Quadro Resumo do Projeto de Requalificação da Praça de Armas do Castelo de Lamego	1
Figura 14 - Localização da área de intervenção na cidade de Lamego.....	1
Figura 15 - Quadro Resumo do Projeto de Requalificação do Espaço Público da Zona Histórica de Vila Nova de Foz Côa	1
Figura 16 – Área a intervir (Vila Nova de Foz Côa)	1
Figura 17 - Esquema Metodológico utilizado	1
Figura 18 - Simulação gráfica de reperfilamento de arruamento	1
Figura 19 - Perfil de arruamento A	1
Figura 20 - Perfil de arruamento B	1
Figura 21 - Perfil de arruamento C	1
Figura 22 - Perfil de arruamento D	1
Figura 23 - Simulação gráfica do miradouro.....	1
Figura 24 - Quadro Resumo do Projeto do Parque Temático da Rebordosa	1
Figura 25 - Localização da área de intervenção	1
Figura 26 - Situação atual da área de intervenção	1
Figura 27 - Vista geral da proposta.....	1
Figura 28 - Imagem da história do “bicho cupim”	1

Figura 29 - Simulação gráfica dos percursos do parque	1
Figura 30 - Simulação gráfica da Torre com slide.....	1
Figura 31 - Quadro resumo do Projeto do Minigolfe de São Pedro Nordestinho – São Miguel - Açores	1
Figura 32 - Localização da área de intervenção	1
Figura 33 - Situação atual da área de intervenção	1
Figura 34 - Simulação gráfica da área de receção do Minigolfe	1
Figura 35 - Simulação gráfica da vista aérea da proposta.....	1
Figura 36 - Quadro resumo do projecto do Centro Escolar do Fundão	1
Figura 37 - Localização da área de intervenção à escala da cidade do Fundão	1
Figura 38- Simulação gráfica sobre o alçado sul do Centro Escolar	1
Figura 39 - Simulação gráfica sobre o alçado norte do Centro Escolar.....	1
Figura 40 - Simulação gráfica do recreio pré-escolar	1

Índice de Anexos

Anexo I – Caraterização Fisiográfica – Hipsometria.....	77
Anexo II – Caraterização Fisiográfica – Taludes e Talvegues	78
Anexo III – Caraterização Fisiográfica – Orientação das Encostas.....	79
Anexo IV – Caraterização Fisiográfica – Índice de Declives	80
Anexo V – Caraterização da Humanização da Paisagem – Valores Naturais.....	81
Anexo VI – Caraterização da Humanização da Paisagem – Valores Culturais	82
Anexo VII – Caraterização da Humanização da Paisagem - Degradações	83
Anexo VIII – Caraterização da Humanização da Paisagem – Percursos Existentes	84
Anexo IX – Caraterização da Humanização da Paisagem – Percursos Propostos	85
Anexo X – Percorso da Serra.....	86
Anexo XI – Percorso das Experiências	87
Anexo XII – Percorso Radical.....	88
Anexo XIII – Percorso Religioso.....	89

Índice de Anexos (Peças desenhadas)

Anexo 001 – Plano Geral do Projeto de Arranjo Paisagístico do Parque do Picoto – São Lázaro – Braga

Anexo 002 – Plano Geral do Cemitério da Boidobra - Covilhã

Anexo 003 – Plano Geral da Requalificação da Praça de Armas do Castelo de Lamego

Anexo 004 – Plano Geral da Requalificação do Espaço Público da Zona Histórica de Vila Nova de Foz Côa

Anexo 005 – Plano Geral do Parque Temático em Rebordosa

Anexo 006 – Plano Geral do Projeto do Minigolfe de São Pedro Nordestinho – São Miguel - Açores

Anexo 007 – Plano Geral do Centro Escolar do Fundão

1 – Introdução

Este trabalho é elaborado no âmbito do 2.º ciclo do mestrado em arquitetura paisagista e tem como tema “Intervenção em diferentes tipologias de espaço abertos”.

Para finalizar a minha formação, realizei um estágio curricular com duração de 6 meses, o que permitiu o primeiro contacto com a realidade profissional. Esse estágio decorreu numa empresa situada na cidade da Guarda, *BB Consulting SA.*, na qual desenvolvi atividades de apoio à realização de projetos de arquitetura paisagista.

O presente relatório relata os procedimentos desenvolvidos durante o tempo de duração do estágio, apresentando os projetos elaborados ao longo do mesmo.

Com objetivo de tornar claro este documento, o trabalho divide-se em duas partes.

Na primeira parte, apresentam-se os principais objetivos e motivações que levaram à realização deste estágio, assim como a apresentação da entidade acolhedora do estágio, onde se apresenta, de forma objetiva, o seu enquadramento como por exemplo: principais atividades realizadas, localização, organograma e colaboradores.

É ainda feita uma breve reflexão sobre o projeto de arquitetura paisagista, as suas formas de conceção, assim como as metodologias de trabalho utilizadas.

Na segunda parte deste relatório, são apresentados os trabalhos realizados durante o período de estágio, apoiados por um cronograma, que localiza cada projeto no tempo e fase de execução. Para melhor compreensão de cada projeto, optou-se por dividir cada projeto em três secções, local e programa (apresentação e caracterização do local de intervenção, assim como os objetivos da intervenção), projeto (descrição técnica da proposta) e considerações pessoais (onde são descritas as opiniões relativas ao processo de conceção do projeto e enquadramento da evolução pessoal ao longo do período do estágio).

No final surge um capítulo onde é feito o balanço e reflexão sobre a experiência adquirida.

2 – Motivação / Objetivos

Este estágio surgiu para mim como uma oportunidade de aumentar e ampliar os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico, assentando sob o conceito de “aprender fazendo”, uma vez que estava inserido numa empresa e numa equipa.

A experiência prática de projeto, que este estágio proporcionou, é um ponto de vantagem para futuras colocações profissionais, fornecendo conhecimentos e contactos que não podiam ser adquiridos somente pelos estudos académicos. A oportunidade de poder trabalhar com profissionais, e com eles partilhar conhecimentos e adquirir competências, foi um fator motivacional fundamental para a realização do estágio.

As expectativas iniciais levam-nos a considerar que o estágio é uma ponte entre os estudos e o ingresso no mercado de trabalho, proporcionando capacidades de avaliar os objetivos de carreira e os objetivos pessoais de uma forma mais crítica, assim como fazer um balanço sobre a formação académica.

Durante o percurso letivo, a criação de espaços aliada à capacidade de imaginar, de experimentar em diferentes aspetos e questionar até certo limite, sempre estiveram mais presentes. Sendo a entidade acolhedora do estágio uma empresa mais vocacionada para a criação de projetos públicos, estavam assim reunidas as condições para que as minhas aspirações fossem desenvolvidas e aprofundadas.

A oportunidade de explorar as diferentes etapas e tipologias que um determinado espaço pode proporcionar, foi um dos principais argumentos para a escolha do tema.

3 – O Local e Equipa

A empresa *BB Consulting SA*. foi a entidade acolhedora do estágio. A empresa está sediada na cidade da Guarda e desenvolve projetos nas áreas de Arquitetura e Engenharia. O perfil da empresa corporiza os anos de experiência já reconhecidos pelo mercado em diversos projetos já executados, nomeadamente em Portugal continental, e nos arquipélagos dos Açores e Madeira.

A empresa constitui-se como uma estrutura multidisciplinar, em que os seus colaboradores partilham um mesmo espaço físico (*open space*), promovendo e incentivando o trabalho de equipa, constituindo um verdadeiro valor acrescentado a todo o processo produtivo. A empresa, mantém contactos permanentes com técnicos de outras empresas especializadas, estabelecendo, com estas, consórcios técnicos orientados para a realização conjunta de projetos cuja natureza e complexidade assim o justifiquem.

O ateliê é composto por uma equipa multidisciplinar de colaboradores, que inclui entre outras as disciplinas de arquitetura, arquitetura paisagista, estruturas, hidráulica, eletricidade. Esta multidisciplinaridade do ateliê torna-se uma mais-valia na conceção e realização de projetos de arquitetura paisagista, pois tem-se uma resposta muito mais rápida aos problemas que vão surgindo durante a conceção do projeto, e uma correta evolução do projeto desde o seu início, com permanentes ajustes e interligação. Como exemplo prático dessa mais-valia para o projeto de arquitetura paisagista podemos referir, o dimensionamento de muros de betão por parte da equipa de estruturas (engenharia civil), ou a iluminação pública dos espaços definida pela equipa de eletricidade (engenharia eletrotécnica).

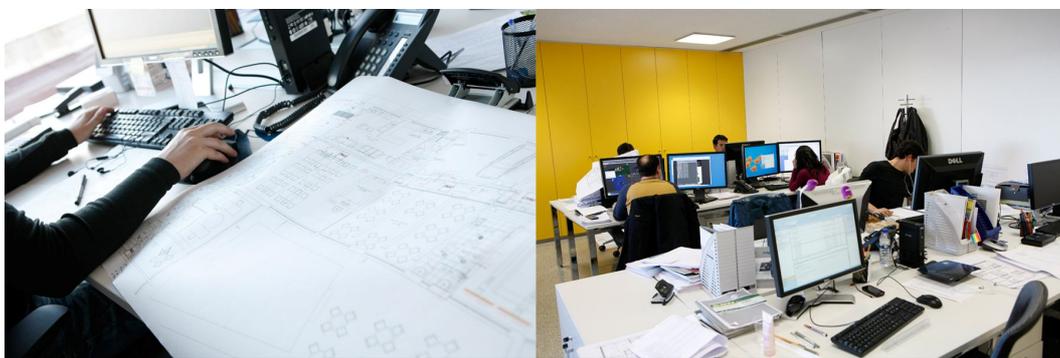


Figura 1 - Instalações e espaço de trabalho da Empresa BB Consulting, SA

Fonte: BB Consulting

A seguir é apresentada a estrutura organizacional da empresa:

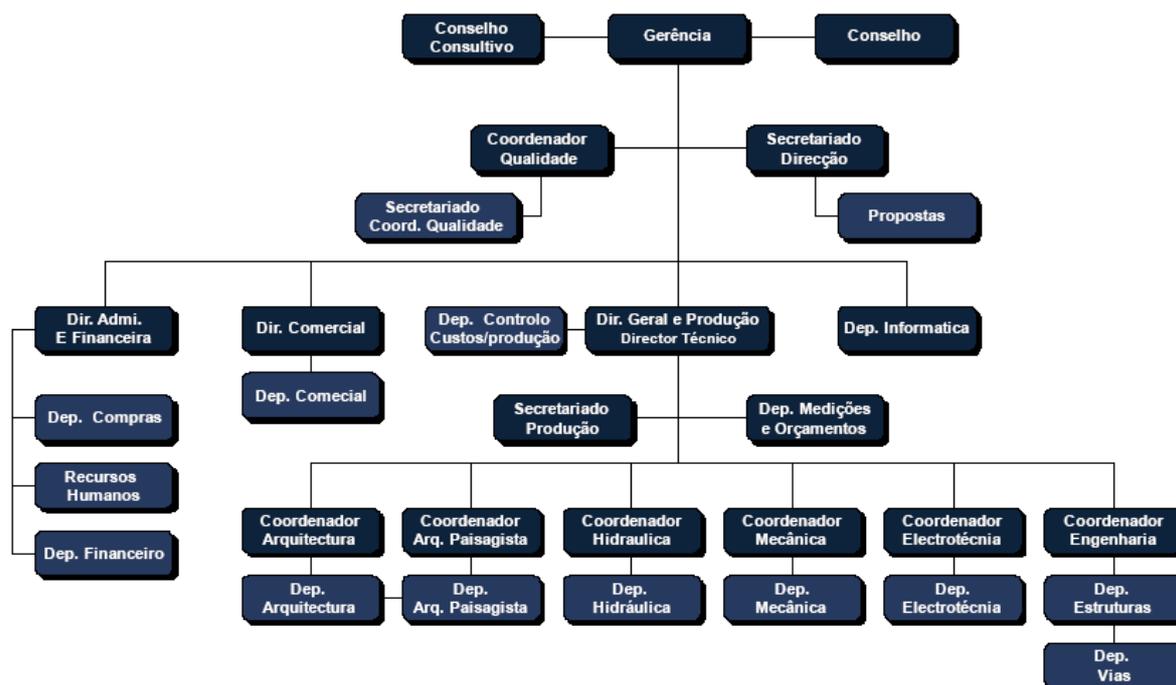


Figura 2 - Organograma da Empresa BB Consulting, SA

Fonte: BB Consulting

Reconheço que pouco conhecia sobre o ateliê, fundado em 1998, pelo Arquiteto Mário Bernardo. A informação que detinha relacionava-se apenas com alguns projetos em curso na minha região de residência. Terá sido também esse fator de proximidade geográfica, que me fez optar por escolher o ateliê como novo espaço de trabalho.

Quanto à equipa de arquitetura paisagista, era constituída no início do período de estágio por dois arquitetos paisagistas, o Arq^o. Paisagista Ricardo Campos (coorientador do estágio), e pela Arq^a. Paisagista Filipa Gonçalves. A experiência e conhecimento transmitido pelos meus novos colegas de trabalho foram sempre um ponto de apoio, para a minha evolução enquanto arquiteto paisagista.

A equipa mostrou-se bastante dinâmica ao longo do tempo, e esta característica veio influenciar o meu entusiasmo por participar na nova equipa, permitindo-me usufruir do mesmo tipo de espírito, dinâmica, e pesquisa. Surgia assim uma excelente oportunidade de continuar as minhas aspirações, de fomentar os meus conhecimentos e capacidade de desenvolvimento de projetos de arquitetura paisagista.

4 – O Projeto (a “obra” do arquiteto paisagista)

“(…) a concepção do espaço constitui um processo de gênese criativa, no qual a componente estética dialoga com o maior leque possível de sistemas estéticos e de possibilidades criativas, recorrendo sistematicamente ao conhecimento disponível que possa informar a formalização”. (Magalhães, 2001, p. 314)

Como um pintor pinta uma tela, ou um compositor compõem uma obra musical, também o projeto que o Arquiteto Paisagista desenha, se pode assemelhar as essas formas de arte, na medida que o resultado final pretende suscitar ideias, sentimentos ou emoções estéticas. A obra do arquiteto paisagista pode ser encarada como um veículo de comunicação de ideias ou sentimentos, que usa como suporte à transmissão da sua mensagem, composições de formas entre a morfologia do terreno, a vegetação e a água. Considerando-se assim a paisagem como espaço a ser transformado e valorizado.

Saltar dos processos criativos para a concepção do projeto de Arquitetura Paisagista, implica uma passagem pela estética, pela filosofia da arte, do Belo Natural e Artístico, e pela evolução das atitudes perante a paisagem, do ponto de vista filosófico, sociocultural, científico e projetual.

Na profissão de Arquiteto Paisagista é necessário, senão mesmo obrigatório, que a transformação da paisagem, a poética, esteja diretamente ligada com a estética da paisagem. A qual só se torna real a partir do momento que exista uma reação emotiva do sujeito, por ação do objeto estético.

Sendo a paisagem um sistema vivo em constante renovação, a ação do Homem está, por isso, sujeita às leis da natureza e o efeito que desejamos obter será sempre conseguido através do uso das características próprias de uma paisagem e não ao contrário. Portanto é necessário construir a paisagem com a própria paisagem, utilizando os materiais que ela nos proporciona, trabalhando simultaneamente com as leis da natureza respeitando os seus ciclos, assim como com a história e cultura do local.

O arquiteto paisagista, enquanto Homem e enquanto participante na transformação da paisagem, tem o direito e o dever de ordenar a paisagem, seguindo pressupostos estéticos e éticos, que assegurem a sua continuidade, sustentabilidade e renovação, tornando a obra do

arquiteto paisagista uma obra nunca completamente finalizada, e em constante transformação.

4.1 – Fases do Projeto de Arquitetura Paisagista

A elaboração de um projeto de arquitetura paisagista abrange diferentes fases de desenvolvimento. Algumas fases poderão ser excluídas ou diluídas entre elas, ficando essa opção ao requerente e em função do pretendido. A passagem à fase seguinte faz-se sempre depois de aprovação da fase anterior por parte do cliente. Essas fases poderão então passar por:

Fase 1 _ programa preliminar

Fase na qual se discute com o Cliente aquilo que vai ser projetado, e se definem os demais requisitos programáticos, assim como as condicionantes estéticas, funcionais e orçamentais do projeto.

Nesta fase deverá ser entregue por parte do cliente o levantamento topográfico e/ou geológico do espaço a intervir, e toda a informação relevante (caso exista), necessária para um bom desenvolvimento do projeto.

Fase 2 _ programa base

Verificação da viabilidade do projeto, apresentação de conceitos e soluções alternativas mais favoráveis à realização do projeto. O arquiteto paisagista deverá apresentar no Programa Base uma breve análise e caracterização da paisagem, e a síntese final que fundamentará a proposta. A realização e apresentação de estudos, desenhos e planos nesta fase é fundamental, de modo a ilustrar e fundamentar de forma clara e sucinta a proposta ao cliente.

Fase 3 _ estudo prévio

Após aprovação do Programa Base, é desenvolvido o Estudo Prévio, já com a proposta do projeto claramente definida, de acordo com o planeado na fase anterior com o cliente.

O Estudo Prévio deverá ser apresentado sobre a forma de desenho a diferentes escalas, podendo ser acompanhado também por maquetas e/ou simulações tridimensionais do proposto, de modo a facilitar a compreensão do mesmo por parte do cliente. Nesta fase é

necessária uma estreita participação entre o projetista e o cliente, podendo ser necessário efetuar consultas prévias aos gabinetes técnicos e entidades competentes, no sentido de uma maior agilização do processo de legalização.

Fase 4 _ anteprojeto / projeto base

Nesta fase do projeto são desenvolvidos os elementos necessários para o licenciamento nas entidades competentes, perante as quais o arquiteto paisagista é o responsável técnico do projeto de arquitetura paisagista. Esta fase apresenta já alguma pormenorização técnica em relação ao estudo prévio.

Em simultâneo, ou posteriormente ao licenciamento do Projeto de arquitetura paisagista, proceder-se-á à entrega dos restantes projetos de especialidades legalmente exigidos para aprovação.

Fase 5 _ projeto de execução

Após aprovação do projeto de licenciamento pelas entidades competentes (Câmaras Municipais, e demais entidades reguladoras dos diversos projetos de especialidades), o projeto entra em fase de projeto de execução. É a fase em que o projeto se formaliza e pormenoriza a partir do estudo prévio ou do anteprojeto, sob a forma de peças desenhadas e peças escritas, destinadas a constituir o processo a apresentar em concurso para a sua execução.

As peças desenhadas e escritas deverão ser elaboradas, de modo a facilitar uma fácil interpretação do projeto, por parte dos diversos intervenientes na sua materialização, assim como especificar todos os trabalhos necessários para uma boa execução da obra.

Da elaboração das peças escritas deverão constar do processo os seguintes documentos:

_Memória descritiva – documento escrito que fundamenta e expõe as intenções e opções técnicas, estéticas e funcionais de projeto tomadas pelo projetista, assim como a caracterização do espaço a intervir.

_Mapa de quantidades e Estimativa orçamental – onde se discriminam todas as quantidades de materiais referentes a cada trabalho, assim como o seu preço unitário, em função da unidade de medida adotada, incluindo um somatório dos preços totais parciais e preço global

da obra.

_Plano de manutenção e conservação – indica as condições e técnicas de manutenção e conservação das áreas plantadas, acompanhado por um cronograma das principais operações a efetuar.

_Caderno de encargos – elabora-se a partir do mapa de quantidades e peças desenhadas do projeto de execução, onde se especifica as condições técnicas gerais e especiais de construção, natureza e qualidade dos materiais, vinculando o empreiteiro às demais condições da obra.

Quanto às peças desenhadas, a sua apresentação varia consoante as necessidades do projeto/obra, não existindo uma norma ou número definido de peças que deva constar no processo, podendo-se suprimir algumas peças, caso não exista esse tipo de trabalho ou soluções, devendo as peças desenhadas conter as indicações numéricas indispensáveis e a representação de todos os pormenores necessários à perfeita compreensão, implantação e execução da obra. No entanto pode-se definir como fundamentais para o projeto de execução de Arquitetura Paisagista os seguintes elementos:

_Plano Geral – desenho que apresenta os aspetos essenciais do projeto, identificação de zonas de circulação e funcionalidade de diferentes espaços (zoneamento do espaço), identificação de pavimentos e equipamentos, vegetação proposta definida quanto aos seus estratos (árvores, arbustos, e revestimento herbáceo), assim como a representação gráfica da topografia proposta, a uma escala apropriada que permita uma clara leitura do espaço. Este desenho pode ser acompanhado com cortes esquemáticos e outras imagens (simulações 3D, fotomontagens), de forma a elucidar melhor o observador.

_Plano de implantação altimétrica – ilustra as alterações previstas a executar à topografia do terreno existente, através de curvas de nível e pontos de cota existentes e propostos. Deverão também ser representados neste desenho as pendentes das rampas e a cotagem de elementos verticais propostos.

_Plano de implantação planimétrica – desenho que representa a métrica e concordância horizontal entre os elementos do espaço.

_Plano de drenagem – indicação esquemática da drenagem superficial de toda a área a intervir. Por vezes este desenho pode ser incluído no plano de implantação altimétrica, tendo uma leitura de pendentes contrária à da altimetria.

_Plano de pavimentos - apresenta os diversos tipos de pavimentos propostos, definindo-os quanto ao seu material, dimensões e estereotomia.

_Plano de equipamentos/mobiliário urbano – indica a implantação e localização dos equipamentos e/ou mobiliário urbano, e suas especificações técnicas.

_Plano de plantação e sementeiras – pode ser dividido em várias peças desenhadas quanto aos diferentes portes das plantas propostas, por exemplo, plano de plantação de árvores e arbustos (que define as áreas plantadas com árvores e arbustos, com indicação das espécies e quantidades das plantas propostas) e plano de plantação de revestimento herbáceo (que indica as áreas plantadas e/ou semeadas, com indicação das densidades e espécies de subarborescentes, herbáceas e prados/relvados propostas).

_plano do sistema de rega – desenho com a solução com o dimensionamento da rega necessária para os espaços verdes.

_pormenores de construção – representação gráfica a escala conveniente da solução construtiva para as diferentes situações presentes no projeto, como transição entre pavimentos, impermeabilizações, muros e muretes, escadas, caldeiras de árvores e tutoragem...

_Plano de sobreposição – desenho de “vermelhos e amarelos”, em que se representa a vermelho os elementos do projeto a construir, e a amarelo os elementos a demolir e/ou remover, assim como as árvores a abater ou a transplantar.

Fase 6 _ assistência técnica

O trabalho do arquiteto paisagista nesta fase poderá compreender o esclarecimento de dúvidas de interpretação relativas ao projeto, prestação de informações complementares ao projeto, auxiliando o dono de obra na verificação de qualidade dos materiais e da execução dos trabalhos. A certificação de que o projeto é cumprido é uma obrigação e um dever do arquiteto paisagista, no entanto não significa que seja obrigado ao acompanhamento da obra., tal situação deverá ser objeto de esclarecimento entre as partes envolvidas no processo.

4.2 – Metodologias

A abordagem aos projetos que surgiram ao longo do percurso deste estágio foi elaborada num sentido de simplificar e unificar as tarefas da conceção dos mesmos, utilizando uma metodologia de trabalho dinâmica aliada à multidisciplinaridade que o ateliê proporciona.

A filosofia do ateliê assenta numa estrutura de funcionamento minucioso e meditado, garantindo a flexibilidade no trabalho de equipa, coerência na metodologia através de critérios tipificados. Para cada projeto é designado um Chefe de Projeto que, integrado internamente numa Direção de Projetos, fica responsável perante o cliente pelo cumprimento dos compromissos assumidos pela Empresa, nomeadamente em relação à qualidade e ao prazo de execução dos serviços contratados.

O Chefe de Projeto assegura, também, a coordenação interna dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo de técnicos que é agregado para a realização dos serviços, de forma a constituir uma eficiente equipa pluridisciplinar. O grupo de trabalho é constituído por técnicos do quadro da empresa e, se necessário, por especialistas e consultores exteriores, de acordo com as características específicas dos serviços a prestar.

Após uma reunião preliminar com todos os técnicos envolvidos no projeto, onde é apresentado o programa e discutido a estratégia de intervenção, assegurando uma abordagem ativa e concisa de cada interveniente. Segue-se a organização dos elementos existentes para se poder iniciar o projeto.

A abordagem ao projeto de arquitetura paisagista é feita por três etapas sucessivas, análise, síntese e proposta. À análise diz respeito a recolha de dados no terreno e de dados existentes fornecidos pelo Dono da Obra ou por outras entidades, como o levantamento topográfico, levantamento da vegetação, património cultural e paisagístico existente e também enquadramento socioeconómico, histórico, cultural do projeto no espaço a diferentes escalas. Para uma melhor compreensão do espaço, a visita ao local da intervenção é uma tarefa fundamental, pois complementa a análise dos dados existentes, proporcionando uma melhor perceção da área de intervenção, e ajudando assim a tirar dúvidas que possam surgir futuramente.

A síntese consiste na organização da informação recolhida dos elementos existentes com interesse a serem abordados durante a intervenção. Determinam-se as características principais da morfologia do espaço, assim como os aspetos referentes à humanização da paisagem, podendo ser representados em esquemas e/ou desenhos. Define-se também já uma

estratégia quanto aos elementos a preservar e a eliminar, e que tipo de intervenção a tomar.

Quanto à proposta, esta fase consiste na formalização gráfica das intenções a desenvolver. Tende a ser uma fase mais interativa e dinâmica, devido aos avanços e recuos que vão surgindo ao longo do processo. Existe sempre a necessidade de um *feedback* entre todas as entidades envolvidas diretamente no projeto, sendo elas o cliente, as diferentes especialidades que intervêm no projeto, e empresas fornecedoras de materiais e serviços. A realização das peças desenhadas e peças escritas é feita de forma faseada e sequencial, com as peças escritas a surgirem depois da realização dos desenhos. Os diferentes desenhos desenvolvem-se simultaneamente ao longo da proposta, no entanto, inicia-se a proposta pela definição das linhas estruturantes do desenho (plano geral), complementando-se com a execução de peças mais técnicas (planta altimétrica, plantações, pormenores construtivos...). Estas tarefas podem ser repartidas pelos vários elementos da equipa técnica, mantendo sempre a mesma linguagem gráfica e respeitando a filosofia de intervenção definida.

Cada novo projeto que surge é um novo desafio a superar, pois cada espaço a intervir tem as suas características únicas, limitações, possibilidades e aptidões.

5 – Apresentação dos Trabalhos Desenvolvidos

Foram desenvolvidos, durante o período de estágio, um total de sete projetos:

- (1) Arranjo Paisagístico do Parque do Picoto – São Lázaro – Braga;
- (2) Cemitério da Boidobra – Covilhã;
- (3) Requalificação da Praça de Armas do Castelo de Lamego;
- (4) Requalificação do Espaço Público da Zona Histórica de Vila Nova de Foz Côa;
- (5) Parque Temático em Rebordosa;
- (6) Projeto do Minigolfe de São Pedro Nordestinho – São Miguel – Açores e
- (7) Centro Escolar do Fundão.

Seguidamente é apresentado um cronograma com o período de atividade em cada projeto e a fase em que se desenvolveu:

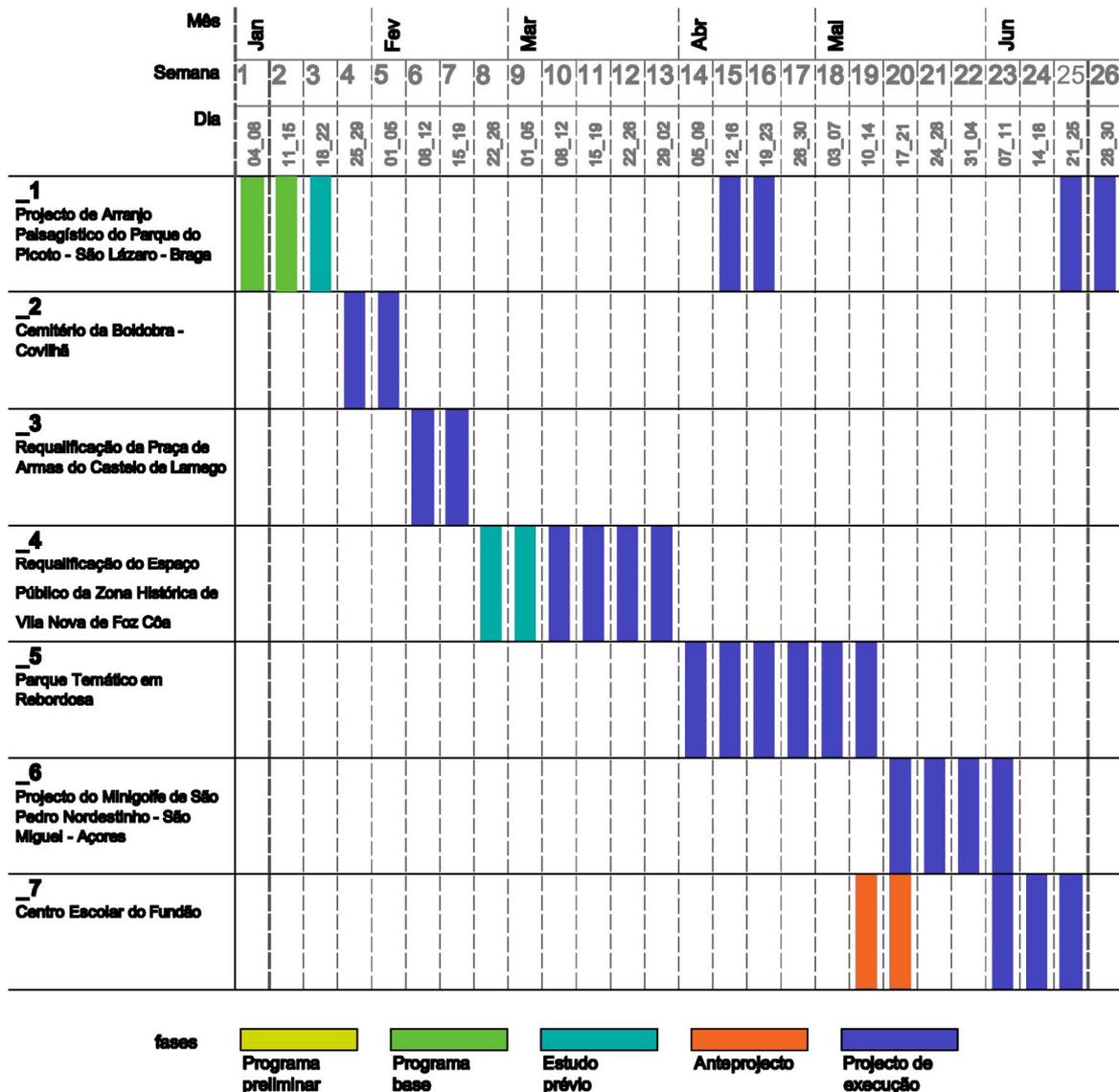


Figura 3 - Cronograma dos Projetos realizados
 (a estrutura do cronograma foi organizada consoante a data de participação na tarefa, e a fase de projeto correspondente)

5.1 - Projeto de Arranjo Paisagístico do Parque do Picoto – São Lázaro – Braga

Data do projeto	janeiro/abril/junho 2010
Fase do projeto	Análise / Estudo Prévio / Projeto de execução
Tipologia de espaço	Parque Urbano
Cliente	Câmara Municipal de Braga
Área de construção	226.000 m ²
Estimativa orçamental	1.300.000,00€
Escala representada	1/1000

Figura 4 - Quadro Resumo do Projeto de Arranjo Paisagístico do Parque do Picoto – São Lázaro – Braga

5.1.1 - Lugar e programa

O local de intervenção, denominado “Monte do Picoto”, situa-se na freguesia de São Lázaro, no centro da cidade de Braga. Com uma posição de excepcional interesse paisagístico, constitui um referencial visual caracterizador e identificador da cidade de Braga.

Ao longo dos tempos, o monte resistiu à pressão urbanística e permaneceu como uma “ilha”, isolado, sem qualquer tipo de edificações, fator que se verifica devido à presença de vários afloramentos rochosos, às suas características topográficas, que apresentam declives maioritariamente entre os 12% e 20%, e a uma variação de cotas altimétricas de 110 m.

Em 1982 a Câmara Municipal de Braga lançou um concurso para a reabilitação do Monte do Picoto, no entanto nenhuma



Figura 5 - Vista do Monte do Picoto sobre a cidade de Braga

Fonte: BB Consulting



Figura 6 - Percurso principal de acesso ao cume do monte

Fonte: BB Consulting

ação foi concretizada, tendo sido agora executada uma alteração ao plano de pormenor para o mesmo local, e para a encosta norte do monte, com um programa análogo à ideia vencedora do concurso público de 1982.

Esta intervenção visa a integração da referida área com o Parque São João da Ponte, que se encontra a noroeste, de modo a recriar uma área de estrutura ecológica municipal relevante para a cidade e para usufruto da população.

O Município de Braga pretende redefinir a área do Picoto, projetando um espaço verde central da cidade, de utilização coletiva, que potencialize as características naturais de todo o Monte Picoto, tendo em vista a criação de um equipamento público, com zonas verdes, percursos pedonais e rodoviários, ciclovias e várias infraestruturas de desporto e lazer. Prevê ainda a renaturalização do Monte do Picoto, através da incorporação de espécies autóctones, apoiada por equipamentos que garantam a sua revitalização e promovendo a integração dos espaços naturais com os espaços construídos.



Figura 7 - Localização da área de intervenção, à escala da cidade de Braga

Fonte: Google Earth

O programa base para a proposta do Parque Urbano do Monte Picoto indicava para uma intervenção paisagística ao nível do tratamento das zonas verdes, definição de percursos pedonais e ciclovias, assim como o desenho de alguns jardins. Estavam já definidos, por parte da Câmara Municipal de Braga, a construção de infraestruturas de apoio ao Parque, que

incluíam a construção de um restaurante-bar, com esplanada; uma praça multifunções, com anfiteatro; um centro de lazer e desportos radicais; uma biblioteca; um “garden-zoo”; estacionamento automóvel; um mirante e um parque de merendas; jardins d’arte; vários jardins temáticos (labirinto, exótico e sazonal); parque infantil; terreiro de jogos tradicionais; e o “recinto dos sentidos” (visão, tato, olfato...). Tendo sido também alvo da proposta realizada pela BB Consulting, o desenho dos jardins e outras zonas de lazer e recreativas.

5.1.2 - O Projeto

A proposta de Enquadramento e Valorização Biofísica e Paisagística do Monte do Picoto teve como objetivo principal a conservação e valorização dos aspetos naturais, culturais e paisagísticos do local, promovendo o local, a referência urbana, ecológica/ambiental e turística de âmbito nacional. Com uma visão do conjunto pretendeu-se que a requalificação da área do Monte do Picoto evidenciasse a sua estrutura particular, ambiente específico e vivência singular na cidade, tendo o desenvolvimento do projeto como objetivos fundamentais:

- **Revitalização do Monte do Picoto**, com a definição de subespaços na área verde associados aos equipamentos de carácter lúdico, recreativo, desportivo e social, articulados estrutural e funcionalmente pela rede de percursos baseada na fisiografia do terreno e caminhos existentes, que constituíram uma referência histórica da apropriação do espaço;
- **Conservação e valorização do património natural, cultural e paisagístico**, com a recuperação pontual da estrutura arbórea, arbustiva e herbácea, de acordo com a aptidão e potencial do local e condições edafoclimáticas e microclimas existentes, únicos à escala regional;
- **Valorização do elenco vegetal** com espécies com valor botânico, ornamental e preservação dos exemplares existentes com valor patrimonial.

Para melhor compreensão da área de intervenção foi inicialmente desenvolvido um trabalho de análise biofísica e paisagística do Monte Picoto, tendo como objetivo intrínseco definir uma estratégia de intervenção. Foram realizadas peças desenhadas a uma escala 1:5000 com a caracterização da paisagem, quanto às suas características fisiográficas (carta hipsométrica, festos e talvegues, carta de declives e carta de orientação de encostas) (Anexos I, II, III e IV) e identificação de valores relativos à humanização da paisagem (valores naturais e valores culturais existentes, degradações, sistema de percursos existentes) (Anexos V, VI, VII e

VIII). Foram ainda definidos, juntamente com a análise das peças desenhadas, a hierarquização de percursos (Anexos IX), quanto aos seus valores paisagísticos e funcionalidade, e a descrição de usos de cada sistema de percurso.

Os sistemas de percursos estabelecidos foram nomeados como:

- “percurso da serra” – o principal percurso de atravessamento do parque, sendo o único a permitir a circulação de viaturas automóveis, e ao qual estão associados percursos de manutenção (Anexo X);
- “percurso das experiências” – um percurso mais intimista, apelando a um despertar dos sentidos do utilizador, através de jardins temáticos e instalação de diversos equipamentos lúdicos (Anexo XI);
- “percurso radical” – como o próprio nome indica é um sistema de percursos destinado à prática de desportos radicais, com a construção de pistas para bicicletas todo-o-terreno e um skate parque (Anexo XII);
- “percurso religioso” – percurso previamente definido pelo programa base, que liga o parque existente do Rio Este, e culmina a meio da encosta junto a uma capela a ser construída no local (Anexo XIII).

Com o desenvolvimento do processo muitos dos objetivos definidos nesta estratégia foram suprimidos ou alterados. No entanto, as linhas gerais definidas nesta fase permaneceram até ao seu término (Anexo 001).

A proposta, com base nas aptidões e potencialidades do local, apresenta o enquadramento das edificações, das estruturas e equipamentos, de acordo com a morfologia do terreno, e compreende a criação de subespaços, com funções recreativas, lazer, cénicas, para além de enquadramento e proteção, relacionados os usos e funções definidos, tais como:

- **Espaços Polivalentes de Recreio**, diferenciados com relvado, áreas de clareiras que constituem importantes pontos de interesse paisagístico, áreas de prado florido, enquadradas por muretes de pedra de granito da região aparelhada, e áreas de arbustos e/ou arborizações, em função do declive e perspetivas para a área envolvente.

Os pontos de maior interesse paisagístico foram assinalados com árvores de floração intensa precoce (*Prunus serratula* ‘Kiko Sakura’) e a magnólia caduca (*Magnolia soulangeana* ‘Alba Superba’).

Nos espaços polivalentes de recreio foi também incluído o recinto dos sentidos, um espaço

que intenta proporcionar diversas experiências ao nível dos sentidos aos utilizadores. Este espaço foi equipado com instrumentos de perceção da luz, perceção do espaço físico, perceção do tempo e perceção do som, através da instalação de diferentes instrumentos musicais para exterior.

Na área polivalente de recreio e recinto dos sentidos optou-se por distinguir uma área de relvado de pisoteio e uma área de prado rasteiro florido, de forma a diferenciar as perspetivas para a Igreja e percurso religioso, valorizando este espaço na fisiografia natural do terreno (particularmente a perceção a partir do circuito pedonal), minimizando os custos de gestão e manutenção destas áreas verdes.

Na área do anfiteatro natural, desenvolvido ao longo da encosta, com muretes de pedra de granito que se moldam ao relevo natural, foi igualmente apresentada a conjugação de relvado e prado rasteiro de revestimento, permitindo diferenciar a área de maior interesse paisagístico (destacando-se o eixo da Avenida da Liberdade), com exposição e microclima mais favorável à estadia, da área de circuito-peão e parque biosaudável.

Nestes espaços, os muros em pedra, que se moldam ao relevo, criam diferentes cenários, proporcionam pontos de estadia e conferem movimento interpretativo da paisagem ao longo do percurso.

A opção de prado florido pretendeu ainda contribuir para a diversidade ecológica e cromática, do qual se tira partido da alternância de forma e floração ao longo do ano. Este revestimento (com composição à base de *Festucas* sp.), para além de conferir cor azul e textura apelativa, assume importantes funções de revestimento e estabilização dos taludes existentes. Os núcleos arbustivos propostos são constituídos, essencialmente, por espécies que apresentam interesse pela floração e frutificação, e as árvores ornamentais foram selecionadas e localizadas com o objetivo de assinalar os ângulos de visão de maior interesse paisagístico.

Estes subespaços foram concebidos como áreas contemplativas, com contraste de cores e texturas entre o material vegetal e o inerte. A escolha dos materiais inertes utilizados nos muros dependeu da resistência e durabilidade dos mesmos, e principalmente da permeabilidade e da adaptação à paisagem.

- **Jardim do Bosque**, espaço onde se conserva e enaltece o sobreiral de valor botânico e patrimonial, definindo uma área de recreio e lazer com funções de enquadramento e proteção, e, simultaneamente, valorização, com a colocação de um polo de equipamento de manutenção, com utilizações múltiplas para várias faixas etárias.

O desenho do espaço foi definido com base na fisiografia, em particular declives e encostas, vistas e eixos visuais.

Na zona de recreio e lazer prevê-se uma ampla área de prado de rasteiro, adaptado às condições edafoclimáticas do local e situação de subcoberto do sobreiral, propondo-se ainda a criação pontual de canteiros para a aplicação de vegetação. Os canteiros assinalam pontos de vista de interesse para as áreas de equipamentos envolventes, com espécies singulares que emolduram os principais cenários, a partir dos pontos de entrada e estadia.

Associados ao jardim do bosque foi proposta a implantação de equipamentos de manutenção, destinados a um público-alvo mais ativo desportivamente.

- **Jardim dos Aromas** é um espaço integrado na rede de percursos, inscrevendo-se ao longo da encosta, em pequenos patamares (0,36 m), que acompanham o trajeto e vencendo o desnível existente.

Os patamares ordenam espécies aromáticas e medicinais, com interesse botânico e ornamental, cuja plantação cria contraste de cor e textura, ritmo e repetição. Entre o elenco vegetal destacam-se espécies com floração prolongada e espaçada temporalmente entre si, com longos períodos de interesse. No sentido de contribuir para a educação e sensibilização ambiental, foi proposta a colocação de placas interpretativas, apresentado o nome científico, nome vulgar, família e autor das espécies aromáticas e medicinais.

Como complemento, conjuga-se o material vegetal com o inerte, especialmente com os subprodutos da floresta (aptidão natural deste sítio), na delimitação dos patamares com toros de madeira tratada, dispostos verticalmente entre si, e nas áreas entre os canteiros com madeira de eucalipto decorativa - estilha.

As espécies vegetais selecionadas foram escolhidas consoante a sua adaptação às condições edafoclimáticas do local, entre as espécies destacam-se o *Euonymus japonicus* 'Microphyllus', a *Calluna vulgaris*, a *Lavandula angustifolia*, *Salvia officinalis* e *Felicia amelloides*.

- **Jardim Rochoso**, desenvolve-se em declive, com vistas abrangentes sobre a área noroeste, e caracteriza-se pela presença de espécies rupícolas persistentes e vivazes de elevada rusticidade. As espécies foram distribuídas com os afloramentos rochosos de granito existentes e/ou provenientes do local, de forma a criar contraste de cores, formas e texturas, em qualquer estação do ano.

O desenho dos muretes que definem os limites do jardim rochoso pretendem conferir movimento e indicar as perspetivas de interesse visual.

Floresta exótica, constituída fundamentalmente por espécies exóticas, representa um ambiente de carácter distinto no espaço de intervenção. Entre as espécies com fácil adaptação às condições *in situ*, destacam-se as espécies de folha persistente – *Brachychyton discolor* (pela sua rusticidade), as espécies de floração intensa e cintilante - *Albizia julibrissin* e a espécie *Gleditsia triacanthus* e pelas suas características singulares a *Paulownia tomentosa* ‘*Imperialis*’.

A área de floresta exótica foi diferenciada pela colocação de casca de pinheiro decorativa, com o objetivo de criar uma superfície pedonal de carácter distinto, diminuindo simultaneamente a evapotranspiração da zona plantada, favorecendo a adaptação das espécies e diminuindo as necessidades de manutenção e rega.

- **Jardim d’ Arte - Zen**, concebido como espaço contemplativo com o intuito de recriar a imagem dos jardins japoneses, este espaço conjuga materiais vegetais e inertes como o seixo de granito e espécies arbóreas caducas (*Acer palmatum* e *Acer palmatum atropurpureum*) e persistentes (*Pinus mugo*), de cores outonais distintas, dispostas em função dos eixos visuais. Para remate da área relvada e zonas pavimentadas foi proposta a utilização de lancil de alumínio, pela sua maleabilidade, facilidade de colocação e impercetibilidade à superfície, de modo a transmitir a melhor perceção ao utilizador da precisão de desenho presente nos jardins japoneses, a que este espaço é alusivo.

- **Labirinto**, desenhado com uma sebe em buxo, define uma área interior com espécies de frutos e plantas aromáticas comestíveis (como a romãzeira e os morangueiros). O buxo foi utilizado por ser uma espécie persistente e de manutenção reduzida, enquanto a escolha das espécies no interior teve como objetivo constituírem um ponto atrativo e inesperado.

- **Parque infantil**, uma área criada no topo do monte com equipamento infantil associado, destinado aos utilizadores mais jovens, valorizado através de áreas contendo espécies arbustivas com interesse pela folhagem, floração e frutificação, como o medronheiro, o folhado persistente, o noveleiro e a madressilva. A vegetação surge em sucessão crescente de alturas, dispendo de acordo com as faces da vedação proposta, localizando junto a esta as espécies aromáticas.

- **Parque de Merendas**, localizado na área de cumeada, com maiores ângulos visuais sobre a paisagem de Braga e arredores, foi disposto ao longo do passadiço de madeira (proposta da

Câmara Municipal de Braga), adaptando-se ao relevo existente. O parque foi equipado com mesas com bancos acoplados em madeira de pinho tratada, cuja localização tira partido da vegetação existente e proposta, instalando-se entre zonas de sombra e clareiras.

Para além destes equipamentos, foram propostos ainda dois fogareiros com lava-loiça incorporado, a construir em pedra de granito, que darão apoio ao parque de merendas.

- **Parque Biosaudável**, valorizado com uma sementeira de prado rasteiro de revestimento, constituído à base de *Festuca ovina*, integra um conjunto diversificado de equipamentos de exercícios físicos, distribuído por 6 plataformas criadas ao longo do percurso de manutenção, respetivamente os dois jardins verticais e as quatro áreas de aterro criadas através de muros de gabião revestidos por vegetação herbácea.

Os jardins verticais foram concebidos a partir do muro de suporte em betão, tirando partido visual deste elemento estrutural, através da colocação de uma malha em aço que sustenta uma manta para colocação e fixação das espécies vegetais vivazes, que criam contrastes de cor e textura. Para drenagem e proteção da parede vegetal, propôs-se uma faixa de 0,4 m, que funcionará como uma caleira de recolha da água excedente que será posteriormente distribuída ao longo da plataforma. A área de recolha e drenagem foi delimitada por um murete/banco em alvenaria de pedra aparelhada, com junta seca em granito amarelo da região.

- **Áreas verdes de enquadramento e proteção**, como o bosque de carvalhos, a recuperação do sub-bosque do sobreiral e a recuperação dos taludes com recurso a hidrosementeira de prados.

Nos dois primeiros espaços, pretende-se o revestimento com prados e arbustos autóctones e definição de estruturas arbóreas individualizadas na área do parque.

Os prados e arbustos surgirão por revestimento natural, promovidos pelo conjunto de trabalhos preparatórios que preveem a preparação do terreno tendo em vista a germinação do banco de sementes existente. No sentido de promover o rápido revestimento do solo e favorecer o aparecimento das espécies autóctones, foi proposta uma sementeira inicial herbácea e arbustiva.

Com o objetivo de unificar os diferentes subespaços criados definiu-se como matriz de toda a área de intervenção a preservação de todos os sobreiros existentes e a plantação de carvalhos, localizados pontualmente de acordo com os pontos de passagem, perspetivas e os eixos de maior interesse paisagístico, e ainda a remoção das maiores manchas de eucalipto e a

totalidade das manchas de acácias, preservando apenas alguns eucaliptos com valor ornamental.

Estas áreas verdes de enquadramento definem zonas de bosquetes e clareiras. Espaços que, em conjunto com os alinhamentos e pontos de espécies ornamentais propostas para os percursos principais, contribuem para compartimentar visualmente o espaço exterior, criarem diversidade ecológica e paisagística.

Enquanto que, nos bosquetes se promove o aparecimento dos arbustos autóctones com interesse pela folhagem e floração, nos alinhamentos sugeriu-se a utilização de espécies ornamentais, como o tulipeiro (percurso religioso) e a faia (percurso de manutenção), com interesse pela cor outonal singular. Para pontualizar as áreas de equipamentos, propôs-se a plantação de *Jacaranda mimosaeifolia*, por ser uma espécie com interesse pela floração intensa e pelo ciclo vegetativo distinto de todas as espécies.

Salienta-se que nas áreas verdes de enquadramento e área polivalente, as áreas de relvado e prados serão implementadas com recurso a hidrossementeira. A única área de sementeira a lançar será, portanto, a área de parque de merendas e a área de gabiões no Parque Biosaudável.

Para tratamento de taludes com elevada inclinação foi proposta a utilização de paliçadas em troncos de madeira, para uma melhor sustentação do volume de terra, optando por esta solução devido ao impacto mínimo que reproduz na paisagem.

À semelhança do jardim das plantas aromáticas e medicinais, também foi proposta a colocação de placas interpretativas ao longo do percurso pedonal na encosta este, devido à presença, neste local, de flora e vegetação espontânea de valor botânico.

Para além da proposta realizada foi também efetuada uma planta com indicações para futuras intervenções no parque, fazendo parte destas indicações o desenho de iluminação do parque, localização de pontos de água para ser utilizado em rega manual do espaço, a criação de uma bacia de retenção de águas com capacidade para 1000 litros, e a proposta de aplicação de painéis fotovoltaicos (150 unidades) em alinhamento nas encostas sul e sudoeste, que garantem o aproveitamento e acumulação de 5KW, que correspondem a 10 horas de luz por dia.

Em suma, a proposta de enquadramento e valorização paisagística teve como base de referência a estrutura da paisagem, procurando um equilíbrio entre a fisionomia e a adequação do espaço aos usos propostos, articulados estrutural e funcionalmente pelos percursos

pedestres.

As soluções apresentadas procuraram dar identidade ao local, contribuindo para isso a utilização de espécies espontâneas com valor botânico e ornamental e a reutilização de pedra em muretes e pavimentos.

A vegetação mediterrânica aplicada, para além do seu valor florístico, permite que as espécies resistam a verões quentes, diminuindo a periodicidade de rega e minimizando os custos de manutenção e gestão.

A proposta pretendeu ainda contribuir para a diversidade ecológica e paisagística, em que a vegetação e os elementos construídos compartimentam a paisagem, e na qual os prados floridos permitem tirar partido da alternância da cor, forma e sazonalidade. A escolha de espécies vegetais autóctones, que se influenciam e favorecem mutuamente, para além de suprirem parte das necessidades de rega, concorre para o reaparecimento dos habitats florísticos e ornitológicos dos ecossistemas.

5.1.3 - Considerações pessoais

Inicialmente, o processo do projeto de requalificação do Monte Picoto não estava destinado a ser-me atribuído. Contudo, este iria sofrer uma reformulação completa e era necessário fazer, com uma certa urgência, uma análise biofísica e paisagística do espaço, foi-me então sugerido que contribui-se para o desenvolvimento dessa análise.

Era a tarefa perfeita para iniciar o estágio. Começar por onde todos os projetos de arquitetura paisagista devem começar, por uma análise da área de intervenção, onde se pode determinar as potencialidades e aptidões do espaço, para que dessa forma se obtenha uma solução, o mais funcional e adequada possível.

O processo estava a cargo da Arq^a Paisagista Filipa Gonçalves, que me forneceu as informações recolhidas no local, após visita ao mesmo.

Por questões de logística não me foi permitido realizar a visita ao local, no entanto o material disponível permitia-me que avançasse na realização de algumas peças desenhadas. Já com toda a informação disponível foi mais fácil realizar o trabalho, pois pude sempre contar com o apoio da Arq^a Paisagista Filipa Gonçalves, o que me permitiu ultrapassar as dificuldades que iam surgindo.

Este trabalho inicial de análise foi também importante ao nível de aperfeiçoamento do uso de

ferramentas de trabalho, como programas de SIG – Sistemas de Informação Geográfica, usados para o desenho da carta de declives e orientação de encostas.

Nesta primeira fase, a minha abordagem a este processo acabou por ser um pouco superficial, talvez por ser o primeiro trabalho, o que fez com que tivesse acabado por realizar apenas tarefas em que me sentia mais à vontade, como a criação de simulações 3D e os desenhos de caracterização do espaço. No entanto, nunca deixei de opinar com a Arq^a Paisagista Filipa Gonçalves sobre algumas soluções, tendo mesmo contribuindo para a definição de algumas.

Depois de entregue o estudo prévio na Câmara Municipal de Braga, não tive mais contacto com este projeto. Somente em abril, aquando da realização do projeto de execução, fui solicitado para ajudar no desenvolvimento do mesmo, o que me ajudou na perceção de questões técnicas do projeto.

O projeto foi sofrendo várias alterações, impostas pela Câmara Municipal de Braga, e em junho estava novamente no ateliê para ser reformulado. Com a urgência de entregar este processo fui novamente solicitado para colaborar na realização do projeto de execução, ao que respondi prontamente.

Findo o tempo de estágio fui convidado a continuar na empresa, no entanto a Arq^a Paisagista Filipa Gonçalves tinha abandonado a equipa, e quando em final de agosto o processo regressou ao ateliê para novas alterações, eu era a pessoa que tinha melhor conhecimento do mesmo, ficando a partir daí encarregue da realização do projeto.

Após avanços e recuos a proposta final só surgiu em janeiro de 2011, precisamente um ano após o meu primeiro contacto com o projeto. Apesar do desenho inicial ter sido bastante alterado, senti que a proposta final acabou por ter potencial para acentuar o marco que o Parque do Picoto representa na paisagem da cidade de Braga.

5.2 - Cemitério da Boidobra - Covilhã

Data do projeto	janeiro/fevereiro 2010
Fase do projeto	Projeto de execução
Tipologia de espaço	Cemitério
Cliente	Junta de Freguesia da Boidobra
Área de construção	848 m ²
Estimativa orçamental	104.000,00€
Escala representada	1/100

Figura 8 - Quadro Resumo do Projeto de Ampliação do Cemitério da Boidobra - Covilhã

5.2.1 - Lugar e programa



Figura 9 - Localização da área de intervenção

Fonte: Google Earth

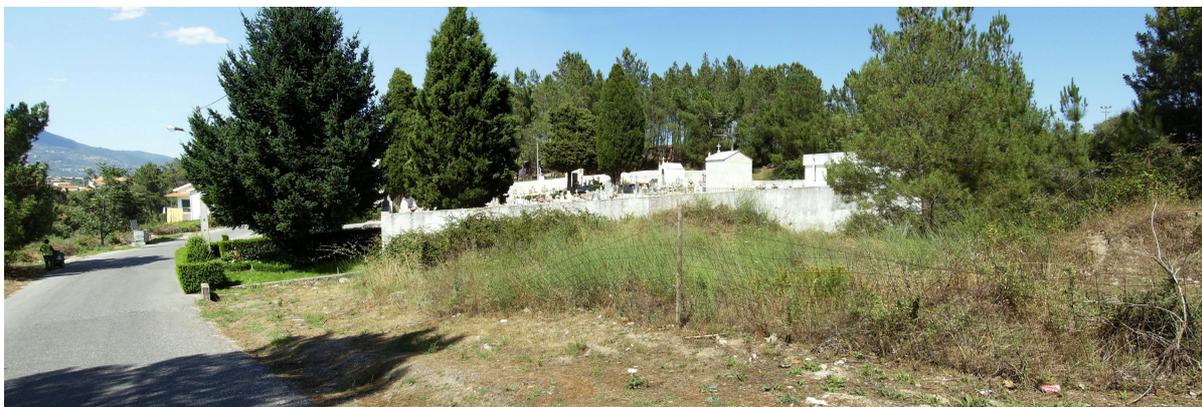


Figura 10 - Situação atual da área de intervenção (no primeiro plano)

Fonte: BB Consulting

A temática da construção de um cemitério está sempre envolta numa grande carga emocional, tendo em conta a funcionalidade a que o próprio espaço está destinado. No entanto, a construção deste tipo de espaços é inerente à própria condição do ser humano.

De acordo com o programa base, o projeto visava a ampliação do cemitério já existente, para uma área correspondente sensivelmente ao dobro, e consequente requalificação da ligação entre os dois espaços.

O atual cemitério encontra-se numa zona afastada do centro da vila, com pouca densidade habitacional, no entanto, a urbanização do Bairro da Boavista, que se encontra na envolvente ao cemitério, tende a expandir num futuro próximo, contrariando assim esta tendência. Podemos então considerar a vila da Boidobra como uma vila em plena expansão, condição essa imposta pela proximidade à cidade da Covilhã, acabando por a vila funcionar como um “bairro dormitório”.

Apesar do atual cemitério se localizar na encosta de um monte, a área de intervenção caracteriza-se por ser relativamente plana, com pequena variação das cotas altimétricas. O espaço apresenta também diversos afloramentos rochosos em toda a sua extensão, sendo principalmente de granito.

Quanto à vegetação, esta é bastante abundante, devido à mata que existe na envolvente da área de intervenção, podendo-se encontrar essencialmente elementos arbóreos como o *Pinus sylvestris*, e alguns maciços arbustivos, nomeadamente giestas e silvas, que nada acrescentam a nível estético à tipologia de espaço pretendida.

Para além da definição da localização das novas sepulturas, o programa prevê ainda a criação de um edifício de apoio ao funcionamento do cemitério e dois planos de ossários.

5.2.2 - O Projeto



Figura 11 - Simulação gráfica da vista aérea sob a proposta

Fonte: BB Consulting

A proposta final resultou numa solução bastante simples, tendo em vista uma linguagem formal coerente e funcional, bem como uma fácil e reduzida manutenção (Anexo 002). Pretendia-se que a intervenção proporcionasse um espaço com condições mais aprazíveis, através da criação de subespaços, tendo em conta a realidade do equipamento a si associado.

A abordagem e o conceito de projeto foram realizados tendo como referência as indicações relativas às necessidades da Junta de Freguesia, o respeito pelas tradições existentes no meio popular, relativamente aos cemitérios e funerais, às especificações técnicas das secções (ossários, sepulturas permanentes e sepulturas para crianças).



Figura 12 - Simulação gráfica dos planos de ossários e envolvente

Fonte: BB Consulting

O desenho do projeto dispunha-se em duas plataformas de nível, seguindo a mesma linguagem do existente, com a plataforma de altimetrias menores num nível intermédio à plataforma existente mais baixa, e a plataforma proposta de maior altimetria ao mesmo nível com a plataforma existente mais elevada.

Pretendeu-se também formalizar um percurso funcional para a realização do cortejo fúnebre, através de uma acessibilidade localizada na extremidade da área de intervenção. Propôs-se ainda um percurso principal em escadaria, para os ossários, que divide o espaço em dois, definindo um eixo que é rematado por um elemento arbóreo simbólico – o cipreste.

5.2.3 - Considerações pessoais

O projeto de ampliação do cemitério da Boidobra foi o meu primeiro desafio profissional, durante o estágio, ao nível do desenvolvimento de projeto de execução. Pois, nesse momento apenas tinha realizado a análise do projeto do Monte do Picoto, através da elaboração de plantas de análise do espaço e simulações gráficas de propostas.

Este viria a ser o primeiro teste às capacidades adquiridas na minha formação académica, pois era a primeira vez que realizaria um projeto quase de raiz, faltando apenas a fase inicial de conceção da ideia, mas no entanto toda a fase técnica iria ser elaborada por mim. O desenrolar do processo viria a tornar-se numa constante descoberta do que realmente era a realização de um projeto de arquitetura paisagista e como ele se processava, começando pelas peças desenhadas, seguido pela realização da memória descritiva, e realização em simultâneo da estimativa orçamental e o respetivo caderno de encargos.

As peças desenhadas constituintes deste processo, foram o plano geral, planta de implantação altimétrica, planta de implantação planimétrica, plano de plantação, planta de pavimentos e equipamentos e planta de sobreposição, e pormenores construtivos. Devido à dimensão da área do projeto e filosofia de intervenção estava ausente o plano de rega.

A elaboração da estimativa orçamental viria a ser um grande desafio, pois não tinha qualquer noção de preços de mercado dos materiais e equipamentos propostos, tarefa esta que foi superada graças ao apoio prestado pelo departamento de medições da empresa, que me elucidaram da realidade do mercado atual.

A tipologia do espaço exigiu uma sensibilidade mais aberta para a conceção do projeto, embora não seja uma tipologia totalmente ausente na criação de projetos de arquitetura

paisagista, é uma área fugazmente tratada, e em Portugal só nos últimos anos se têm vindo a realizar obras com esta tipologia.

Não podendo ter realizado o estudo prévio do projeto senti no entanto que fiz parte dele, e foi uma mais-valia ter concluído um projeto de execução com esta tipologia de espaço aberto.

5.3 - Requalificação da Praça de Armas do Castelo de Lamego

Data do projeto	fevereiro 2010
Fase do projeto	Projeto de execução
Tipologia de espaço	Enquadramento de edifício histórico
Cliente	Câmara Municipal de Lamego
Área de construção	1298 m ²
Estimativa orçamental	46.000,00€
Escala representada	1/100

Figura 13 - Quadro Resumo do Projeto de Requalificação da Praça de Armas do Castelo de Lamego

5.3.1 - Lugar e programa



Figura 14 - Localização da área de intervenção na cidade de Lamego

Fonte: Google Earth

A Câmara Municipal de Lamego pretendeu recuperar e reabilitar todo espaço do Castelo, dentro e fora das muralhas, e ao mesmo tempo instalar na torre de Menagem um Museu Militar. O castelo apresenta linhas arquitetônicas muito simples sendo composto por um pequeno recinto amuralhado e uma Torre de Menagem. É alvo de intervenção da disciplina de arquitetura paisagista o interior amuralhado e zona de acesso ao mesmo. Atualmente a praça de armas é utilizada como zona de arrumos por parte dos escuteiros, que também fazem uso da Torre de Menagem.

O interior amuralhado, apresenta alguns elementos vegetais, nomeadamente arbóreos, entre ciprestes, cedros, teixos e palmeiras. Atualmente as árvores não só escondem a leitura das muralhas, como deturpam o objetivo militar do monumento que seria de guarda às populações e alerta contra um hipotético inimigo. Logo, o terreiro à sua volta deveria estar totalmente desobstruído. O interior das muralhas era um espaço de utilização comum, de manobras militares, logo seria um espaço desprovido de árvores ou quaisquer outros obstáculos, intenção que se tenta recuperar com esta intervenção.

O espaço ocupado pela antiga cadeia está “semiajardinado”, possui dois terraços em declive, encontrando-se nele plantadas três árvores.

5.3.2 - O Projeto

Tendo em vista a reabilitação do espaço de modo a ser visitável e a tornar-se um ponto turístico da cidade de Lamego, a intervenção do projeto de arquitetura paisagista teve como principais intenções a remoção de elementos construídos, tanto na zona interior às muralhas como exterior, assim como de alguns elementos vegetais, enquadramento de um edifício de receção proposto, a requalificação das muralhas e melhoramento das acessibilidades (Anexo 003).

Devido à funcionalidade que o castelo apresenta, a intervenção será minimal, de modo a não descaracterizar o local. Pretendia-se então a remoção de alguns elementos arbóreos presentes no interior das muralhas, de modo a sugerir o que outrora representaria este espaço. Uma zona aberta e livre desprovida de elementos, de modo a proporcionar o máximo de espaço para a mobilização de soldados e pessoas. A remoção total dos elementos no exterior da muralha será total, enaltecendo assim a imponência do castelo. Os elementos arbustivos presentes nas muralhas deverão também ser alvo de remoção.

Quanto aos pavimentos propostos pretende-se, também, um aproximar às características da tipologia de castelo, no interior propôs-se um desenho de pavimento em saibro amarelo com resina agregante para oferecer uma maior estabilidade e conforto. O percurso será rematado com lancil em PVC, sendo a solução menos visível possível e não necessitando da sua fixação com recurso a maciços ou fundações em betão. Na zona exterior às muralhas do castelo propôs-se uma calçada em cubos de granito que intencionam provocar uma sublime transposição entre a muralha, os afloramentos rochosos e a calçada.

Quanto à vegetação proposta, deu-se grande importância aos elementos arbóreos já existentes, não sendo proposto a plantação de mais nenhum elemento arbóreo, de modo a desafogar o edifício. As espécies arbustivas propostas para a zona exterior da muralha, foram espécies que não atingem grandes dimensões, de modo a não encobrirem a muralha do castelo.

Na zona circulável da muralha foi proposto e aceite a construção de um passadiço em grelha metálica sobre estrutura idêntica, onde será fixada uma guarda minimalista também em estrutura de perfis metálicos.

A única escada de acesso ao topo da muralha é em alvenaria de granito sem guarda. Foi também projetada uma guarda metálica para essa escada, e projetada no lado oposto da muralha uma nova escada totalmente em estrutura metálica.

Quanto ao mobiliário urbano propôs-se, unicamente, a recolocação do banco existente junto ao acesso para a torre de menagem e junto ao edifício de receção.

5.3.3 - Considerações pessoais

O projeto de requalificação da Praça de Armas surge numa fase de aparente acalmia de trabalhos no departamento de Arquitetura Paisagista.

Após conclusão do meu primeiro projeto de execução no ateliê, já anteriormente apresentado, quando me foi destinado este trabalho sentia-me com vontade de iniciar um novo, se possível com participação na fase de estudo prévio, de modo a sentir que aquele projeto tinha algo de mim.

Aparentemente, os meus anseios ainda não se iriam concretizar, pois o prazo definido era curto (duas semanas), e pretendia-se que se desenvolvesse um projeto de execução, pois a disciplina de arquitetura estava já bastante avançada a esta fase.

O que parecia a princípio ser um projeto delicado, devido à tipologia de espaço, acabou por tornar-se bastante simples, graças em parte ao apoio fornecido pelo Arq. Latino Tavares (colaborador externo da empresa), que tinha já definido no início as linhas estruturantes da intervenção para as diversas disciplinas que constituíam o projeto.

Quando se desenvolve um projeto de requalificação de um espaço histórico, deverá ter-se sempre em consideração a carga cultural e identitária que o espaço representa. Durante a elaboração do projeto de execução estes fatores estiveram sempre presentes, tentando sempre evitar demasiadas alterações ao espaço de modo a respeitar a identidade do mesmo.

O facto de ser um espaço histórico, e de a intervenção ter de ser quase minimal, trouxe ao processo ainda mais condicionantes, que foram encaradas como pequenos novos desafios assim que iam surgindo.

5.4 - Requalificação do Espaço Público da Zona Histórica de Vila Nova de Foz Côa

Data do projeto	fevereiro/março 2010
Fase do projeto	Estudo Prévio / Projeto de execução
Tipologia de espaço	Regeneração urbana
Cliente	Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Área de construção	15.630 m ²
Estimativa orçamental	542.000,00€
Escala representada	1/500

Figura 15 - Quadro Resumo do Projeto de Requalificação do Espaço Público da Zona Histórica de Vila Nova de Foz Côa

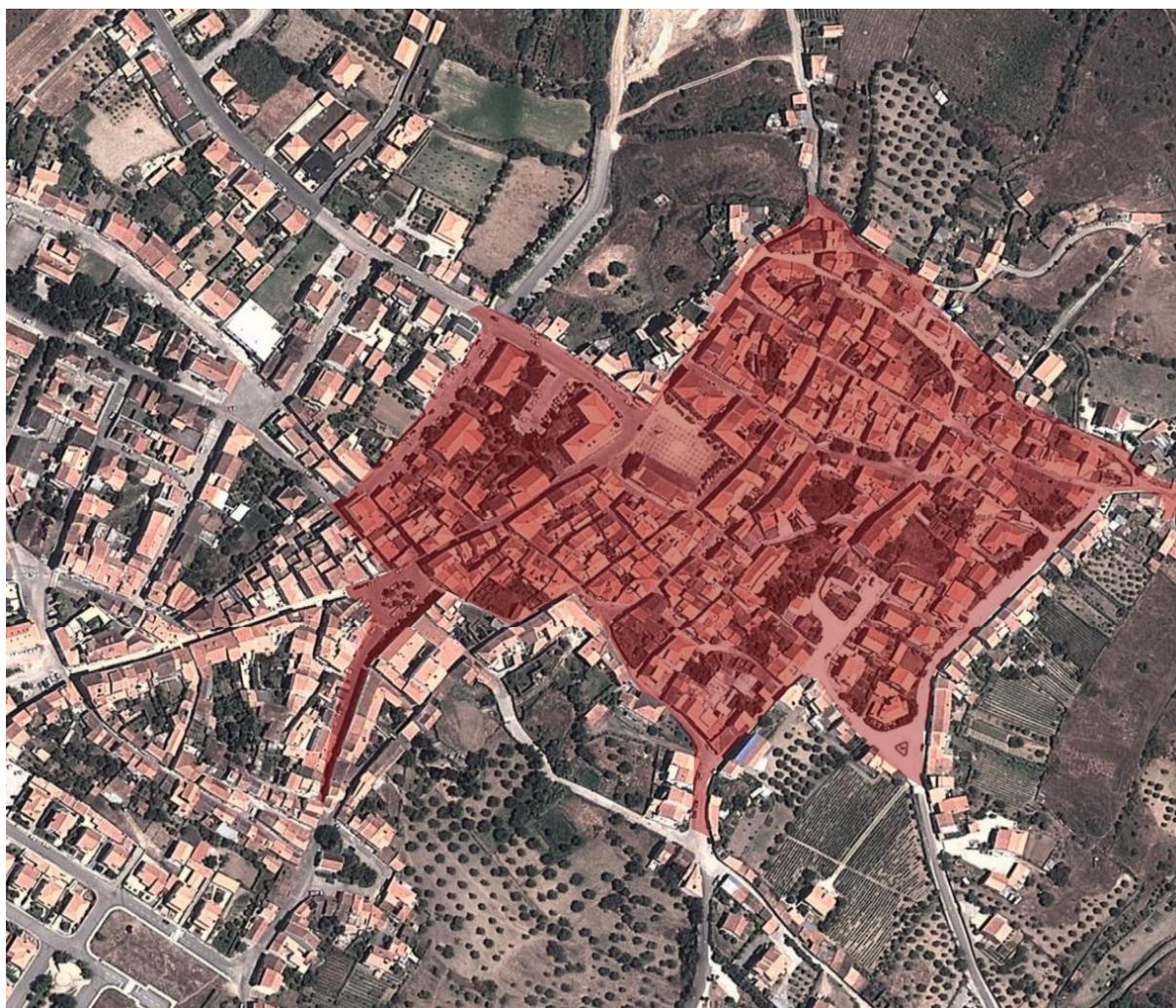


Figura 16 – Área a intervir (Vila Nova de Foz Côa)

Fonte: Google Earth

5.4.1 - Lugar e programa

Vila Nova de Foz Côa insere-se na Região norte e sub-região do Douro, no distrito da Guarda. Cidade com cerca de 3 300 habitantes, Vila Nova de Foz Côa apresenta um núcleo histórico com vários valores arquitetónicos, sendo exemplo o Pelourinho e a Igreja Matriz, com uma fachada manuelina.

No âmbito do “Programa Integrado de Valorização do Centro Histórico de Vila Nova de Foz Côa”, o Município desta cidade pretende requalificar o espaço público da zona histórica tendo como objetivo principal contribuir para conservar e valorizar a identidade do mesmo, sendo a base de incidência deste projeto a antiga cerca medieval do Castelo e Praça do Tablado, bem como nas suas zonas envolventes.

O trabalho assenta, essencialmente, na requalificação das infraestruturas de água, saneamento, eletricidade, telecomunicações, arruamentos e espaços exteriores. Sendo estes últimos pontos, a principal da intervenção da disciplina de Arquitetura Paisagista.

Assim a proposta da intervenção da Arquitetura Paisagista foi formalizada com uma visão do conjunto, pretendendo contribuir para conservar e revalorizar todos os edifícios, conjuntos e espaços relevantes, para a preservação da sua imagem e reforço da sua identidade, intervir procurando corrigir dissonâncias e assimetrias, revitalizar os espaços públicos existentes, beneficiar o enquadramento dos valores paisagísticos, dos edifícios e dos espaços abertos em geral.

5.4.2 - O Projeto

A proposta compreendeu a análise do levantamento existente (Planta de levantamento topográfico), o reconhecimento de campo, a identificação dos valores culturais e paisagísticos (análise/síntese biofísica e paisagística) e, seguidamente a elaboração do projeto, segundo o seguinte esquema metodológico:

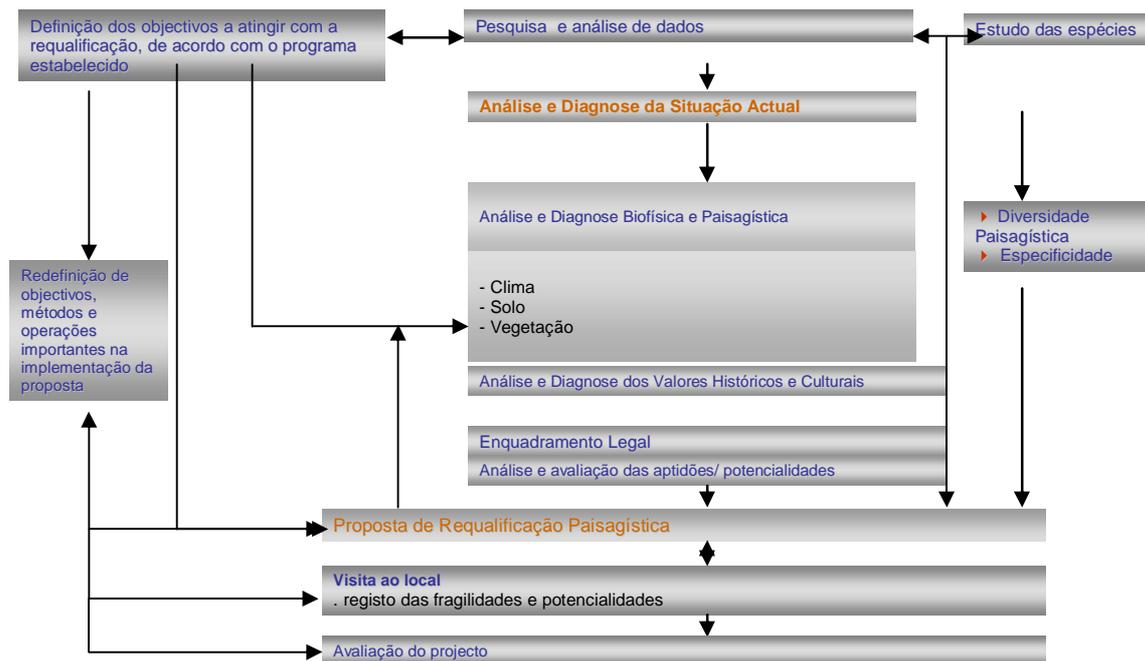


Figura 17 - Esquema Metodológico utilizado

O projeto de requalificação paisagística teve como principais objetivos a revitalização do Centro Histórico, através da requalificação dos percursos pedonais e viários, de acordo com a sua hierarquia que constituiu uma referência histórica da apropriação do espaço, a requalificação dos espaços públicos de carácter lúdico, recreativo e social e a articulação estrutural e funcional entre si, de acordo com os seus usos e funções. Outro objetivo específico desta intervenção foi a conservação e valorização do património cultural e paisagístico existente, formalizado com a recuperação dos troços da Antiga Cerca Medieval, a requalificação da Praça do Tablado, a Envolve da Capela de Santa Luzia e a criação de um Miradouro sob o vale do rio Côa, tendo sempre presente como aspeto fundamental a valorização do elenco vegetal, através de espécies com valor botânico e elementos arbóreos que poderão contribuir para referenciar a paisagem urbana, sendo um objeto fundamental na formalização da proposta de Arquitetura Paisagista (Anexo 004).

A proposta com base nas aptidões, potencialidades e condicionantes apresenta as seguintes intervenções:

- Recuperação e Valorização da Antiga Cerca Medieval, propondo a ventilação dos troços existentes através da colocação de drenos perfurados dispostos em diagonal, definida em proporção com as dimensões dos troços da muralha o que permitirá a sua ventilação uniforme.

Considerando a importância histórica da Antiga Cerca Medieval, propôs-se a delimitação de uma área de exposição da muralha, junto a um dos pontos de passagem e visita – Miradouro da Capela de Santa Luzia. Para esse efeito foi proposta a colação de um painel em acrílico adoçado a uma secção da muralha, suportado por uma estrutura em aço inox de 4,5mx0,5m, a 1,2m da cota do arruamento, que permitirá visualizar a técnica de construção característica e gravar um descritivo da importância histórica e cronológica do monumento.

Requalificação dos Arruamentos, apresentando o reperfilamento das ruas e passeios, atendendo à articulação estrutural e funcional das ruas e usos e funções dos espaços públicos e tendo como objetivo a hierarquização dos mesmos em função da sua importância histórica.

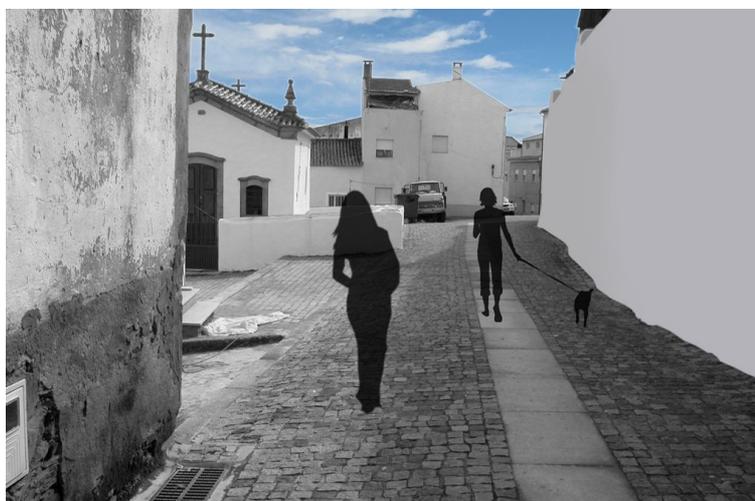


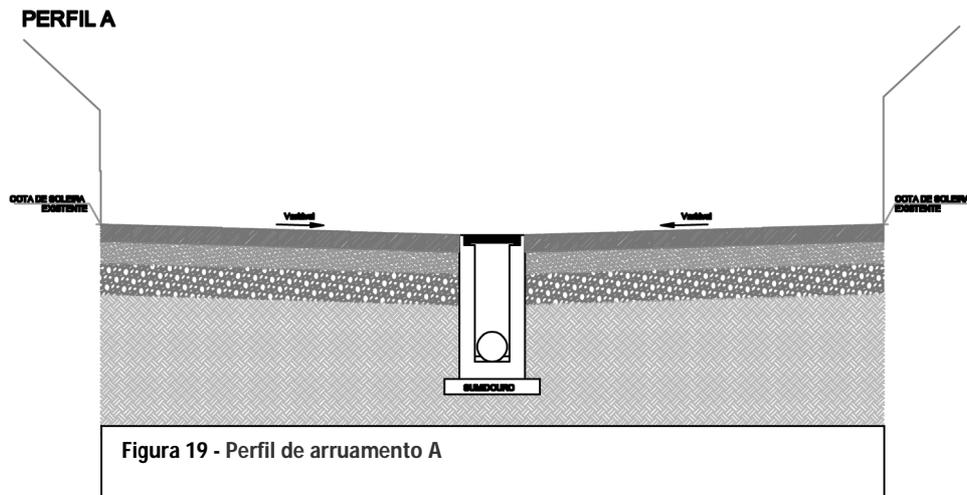
Figura 18 - Simulação gráfica de reperfilamento de arruamento

Fonte: BB Consulting

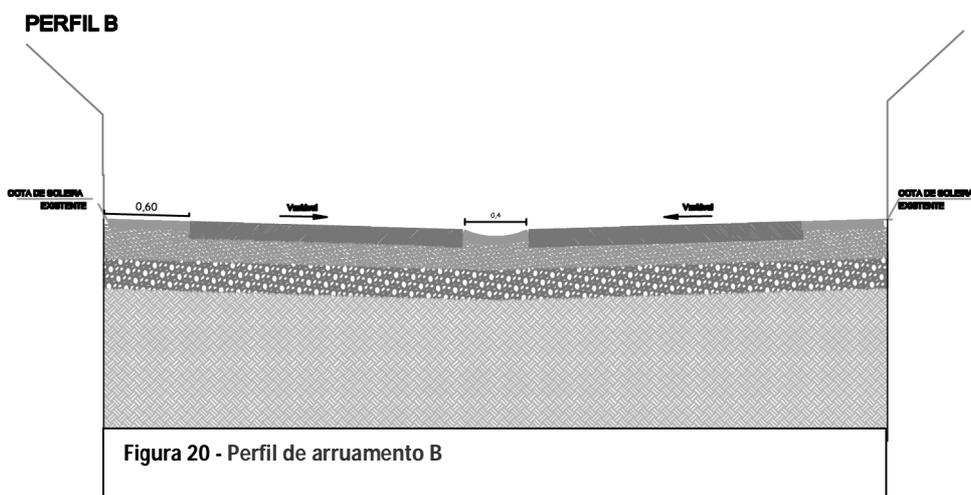
Em todas as ruas foi proposta a remoção do pavimento existente, tendo em vista a recolocação segundo os perfis propostos, com o objetivo de obter uma uniformização dos materiais e acabamentos.

Foram definidos 4 perfis de arruamento, usando matérias que os diferenciasses uns dos outros, consoante a sua hierarquização.

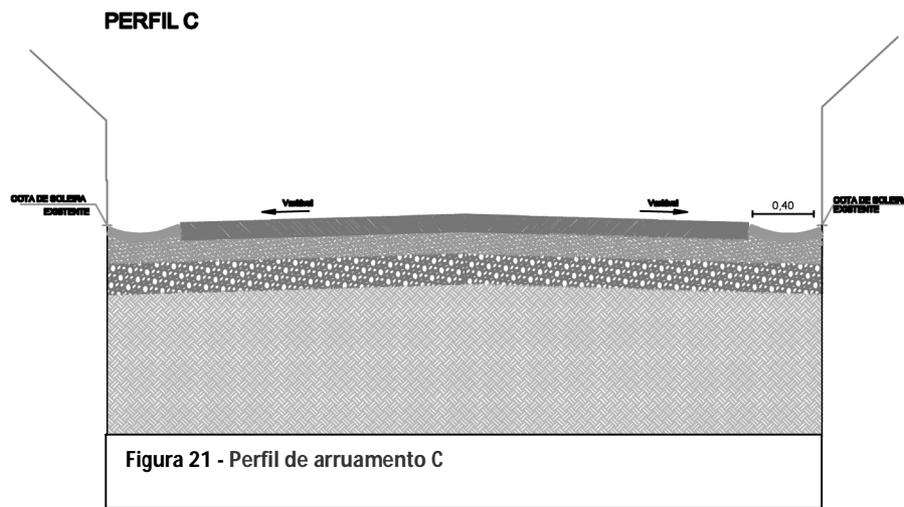
Assim para os arruamentos que integram o “percurso da Procissão” (Perfil A) foi proposto pavimento em cubo de granito 11cmx11cm com 1,5% de declive para o eixo com laje de granito na qual serão colocados os pontos de recolha de águas pluviais.



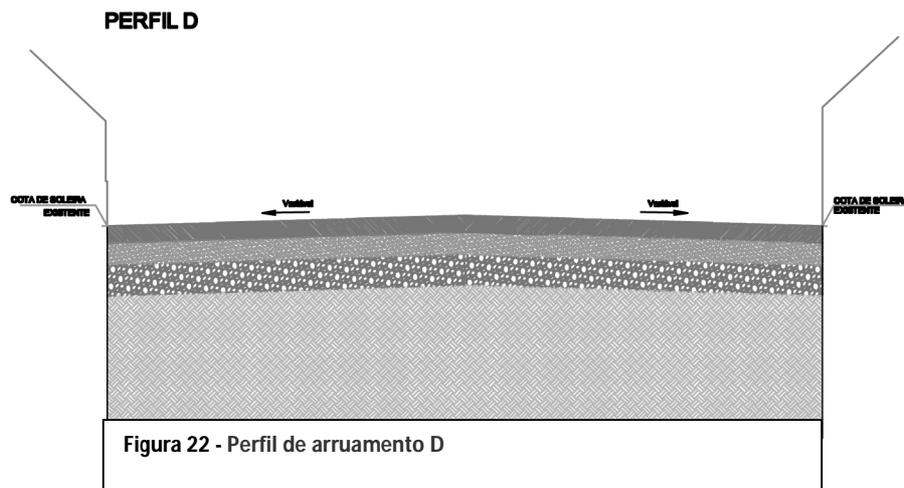
Para o segundo perfil (Perfil B) referente aos arruamentos inseridos dentro da Antiga Cerca Medieval foi proposto um pavimento também em cubos de granito cinza com 11cmx11cm com 1,5% de declive para o eixo da rua, que terá uma faixa de 0,40 m em cubos de 5cmx5cm para recolha de águas, e ainda um remate com a fachada dos edifícios com uma faixa de 0,60 m pavimentada em cubo de 5cmx5cm, e a reformulação das ligações com as cotas de soleiras segundo os perfis tipos de degraus propostos.



Para o Perfil C, referente aos arruamentos do núcleo histórico, foi proposto pavimento em cubo de granito cinza 11cmX11cm, com 1,5% de declive para os limites constituídos por cubo de granito 5cmX5 cm, numa faixa de 0,40 m de largura.



O Perfil D servirá todos os arruamentos existentes em pavimento betuminoso, sendo proposto a sua repavimentação em cubo de granito cinza 11cmx11cm, sendo a drenagem para o passeio com a inclinação de 2% a partir do eixo. Os passeios destes arruamentos serão em cubo de granito cinza 11cmx11cm colocado a 90° com o eixo da via.



Na **Praça do Tablado** propôs-se a ampliação do espaço público em benefício do peão, a supressão dos 4 lugares de estacionamento em torno da Praça e a reorganização do estacionamento na periferia numa faixa longitudinal única, criando um passeio pedonal

uniforme de 1,8 m de largura.

No sentido de valorizar e dignificar a Praça do Tablado, foi proposto um desenho de pavimento em cubo de granito amarelo 5cmx5cm disposto a 90 cm com as fachadas, com linhas ortogonais, alinhadas de acordo com os arruamentos que confluem para a praça, constituídas por uma fiada de cubo de granito cinza.

O desenho de pavimento teve como objetivo a interligação visual e espacial com as ruas convergentes, conferindo escala e dimensão ao espaço público. Foi ainda projetada uma área central destinada à colocação de uma escultura identitária da Vila Nova de Foz Côa que deverá constituir um ponto focal do espaço público.

No sentido de revitalizar esta praça, foi proposta a localização de novos equipamentos e mobiliário urbano, assim como a colocação um quiosque, tendo como objetivo criar um ponto atrativo na praça, que poderá vir a ter uma área de esplanada associada, com mobiliário amovível, funcionando como ponto de venda de revista e jornais, dando à praça a vivacidade que merece, pois a praça visa ser um espaço de passagem, mas igualmente um espaço com potencialidade para permanência e estadia.

O Miradouro localiza-se na área de logradouro junto à Capela de Santa Luzia, construído através de uma plataforma em aterro à cota do arruamento confinante, estabelecendo a continuidade espacial entre os dois espaços. Pretendeu-se que o muro de xisto existente seja mantido, o que permite, em toda a sua extensão, “emoldurar” o miradouro e criar o cenário de entrada para um espaço de carácter distinto, conferindo privacidade e proteção face ao arruamento.



Figura 23 - Simulação gráfica do miradouro

Fonte: BB Consulting

Na plataforma do Miradouro foi definida uma área pavimentada em de lajes de granito dispostas sobre o prado de revestimento, que se estende na restante área plana do logradouro e define o enquadramento de todo este espaço. A opção de prado florido pretendeu ainda contribuir para a diversidade ecológica e cromática, do qual se tira partido da alternância de

forma e floração ao longo do ano.

5.4.3 - Considerações pessoais

O desenho de espaços abertos urbanos sempre se mostrou como um desafio quanto à sua conceção, talvez pela diversidade de material inerte que se pode aplicar no desenho de pavimentos, ou pela função que desempenham na vida das pessoas. A seleção do material inerte usado nesta proposta não me permitiu alargar os meus horizontes para o leque variado de escolhas que existem no mercado, no entanto contribuiu para que tivesse a noção de como criar um espaço com essencialmente com um só material, o granito. Pois essa será sempre a opção lógica, de forma que se mantenha a identidade e a uniformidade com a envolvente.

O início do processo deste projeto começou, como já referido, pela análise da área de intervenção, definindo hierarquias de arruamentos, para se poder redefinir o perfil dos mesmos. A minha contribuição neste projeto assentou essencialmente nesta parte, onde realizei os pormenores tipo e as plantas de implantação planimétrica e altimétrica. A equipa era também constituída pela Arq. Paisagista Filipa Gonçalves, que definiu a estratégia de trabalho e o desenho dos subespaços. A maior dificuldade prendeu-se com a condicionante do espaço em si, ser um centro histórico com diferentes cotas de soleira a terem de ser respeitadas em projeto.

5.5 - Parque Temático em Rebordosa

Data do projeto	abril/maio 2010
Fase do projeto	Projeto de execução
Tipologia de espaço	Parque
Cliente	Município de Paredes
Área de construção	35.622 m ²
Estimativa orçamental	942.050,00€
Escala representada	1/500

Figura 24 - Quadro Resumo do Projeto do Parque Temático da Rebordosa

5.5.1 - Lugar e programa



Figura 25 - Localização da área de intervenção

Fonte: Google Earth



Figura 26 - Situação atual da área de intervenção

Fonte: BB Consulting

A Câmara Municipal de Paredes pretende intervir, de uma forma estratégica, no espaço ribeirinho que se estende para lá do Parque Urbano do Lordelo, até ao atual campo de feira da Rebordosa, com a criação de um Parque Temático do “Bicho Carpinteiro”. Pretende-se propor um espaço lúdico com uma forte atratividade.

A área de intervenção conta com cerca de 70 947,50 m² (7 ha) de um vale encaixado, com pequenas quedas de água naturais, moinhos de água e outras estruturas agrícolas tradicionais. O espaço é detentor de uma grande beleza, da qual se pretende tirar partido e enaltecer. O espaço deverá ser dividido em duas partes: uma pública e outra privada, cujo acesso será permitido mediante pagamento de entrada. A parte privada totaliza 35.622,30 m² desses 7 hectares, resultando cerca de 35.325, 20 m² de área para o Parque Público.

A intervenção, como foi mencionado anteriormente, apresenta-se dividida em duas partes, uma delas totalmente pública e a segunda de acesso mediante o pagamento de entrada.

Deste modo, foram definidos dois programas diferenciados, um bastante mais lúdico para a parte do Parque Temático propriamente dito e um parque com equipamento desportivo, radical e infantil, na parte pública. Os dois espaços têm em comum o usufruto da proximidade à linha de água. Pretendeu-se ainda criar um percurso totalmente público ao longo da linha de água que permita ter uma perceção do interior do parque temático, através da vedação, apesar, desta ser intransponível.

5.5.2 - O Projeto



Figura 27 - Vista geral da proposta

Fonte: BB Consulting

O Parque Temático da Rebordosa adota a linha de água como elemento estrutural de toda a intervenção, em que a sua sinuosidade influencia a rede de percursos criados a partir dos quais se encadeiam as diferentes atividades dos parques (Anexo 005).

O Parque Temático deverá encadear diferentes pontos lúdicos, através de uma rede de percursos, permitindo fazer o seu próprio itinerário. Pretendeu-se a disposição de vários equipamentos que preencham essa função de ludicidade, combinando atividades físicas de trepar e escorregar. A história do “bicho cupim” foi transposta para o desenho do parque através de uma aldeia temática (edifícios propostos pela arquitetura, em que poderá sair-se destas por escorregas, passadiços, slides e redes), a cauda do dragão (modelação de terreno com túneis e escorregas), e a torre do castelo (slide).

No Parque Público serão localizados equipamentos mais vocacionados para o desporto formal, sendo implantados um campo de futebol e uma área do garrafão para a prática do basquetebol, complementando o espaço confinante existente.

O Parque Temático da Rebordosa terá uma abordagem aos quatro elementos, nomeadamente; a água, pela exuberância da rede hidrográfica que é o elemento central do parque; a terra, pela topografia acidentada do terreno, da qual se tira partido, reforçando o seu telurismo, em afloramentos rochosos; o ar, que é explorado nas atividades que exercitam o sentido do equilíbrio, as atividades de trepar e a vertigem dos slides e escorregas; e por fim, o fogo,

explorado como um elemento perigoso, pois pode incorrer na destruição de tudo, na figura do “dragão snif”, cuja cauda é transformada em mais um elemento lúdico do parque.

De um modo geral, será mantida a localização dos atravessamentos existentes, mas com uma estrutura em madeira, com guardas que garantam a segurança dos seus utilizadores. Por fim, foram propostos dois atravessamentos novos, que deverão ligar os dois lados do Parque Temático, sendo o domínio público respeitado e o parque vedado, estes atravessamentos serão portanto bastante sobre-elevados, não comprometendo, deste modo, o fluxo natural da linha de água, sendo o troço maior em estrutura metálica, e o outro atravessamento em ponte de cordas tipo “ponte Himalaia”, que proporciona um espírito de aventura a quem o achesse.



Figura 28 - Imagem da história do “bicho cupim”

Fonte: Ilustrações Whooh!

A inegável beleza deste espaço tem a ver com diversos elementos, mas essencialmente pela vegetação, e é essa mesma que se pretende valorizar. A zona em que se pretende localizar o Parque Temático é aquela que apresenta um declive mais acentuado e uma vegetação autóctone, ou seja um aspeto mais selvagem, que será explorado com a criação de casas de madeira. Neste espaço a intervenção passará pela limpeza das silvas e pela plantação de mais árvores, de modo a reforçar a imagem de mata. Deste modo, nessa zona serão plantados pinheiros mansos, bravos e castanheiros, os limites deverão ser reforçados com uma sebe arbustivo - arbórea de loureiros, folhados, mióporos e as árvores anteriormente referidas. A galeria ripícola deverá ser requalificada, dando primazia às espécies próprias desta posição, tal como: o freixo, amieiro, salgueiros, vimeiros e pilriteiros.



Figura 29 - Simulação gráfica dos percursos do parque

Fonte: BB Consulting

O rocódromo, (monólito de trepar), que no estudo prévio se encontrava na parte pública foi deslocado para o interior do Parque Temático (parte privada), por recomendação dos serviços da Região de Turismo Verde Minho, no sentido de esta atividade ter um acompanhamento por parte de técnicos especializados, de modo a garantir as condições de segurança da sua utilização. Estes equipamentos deverão ser sujeitos a fiscalizações e verificações periódicas e a sua utilização deverá ser regulamentada, nomeadamente sobre a obrigatoriedade de utilizar capacetes e outros equipamentos e acessórios de segurança.

Ao nível de materiais utilizados, procurou-se não comprometer a permeabilidade dos solos, selecionando preferencialmente pavimentos permeáveis e semipermeáveis. Deste modo, e ao nível dos pavimentos do parque urbano, na sua margem nascente, optou-se por um pavimento em betão poroso, limitado por lancil de betão, sobre fundação contínua de betonilha. De um modo geral, os restantes percursos serão pavimentados em saibro, delimitado por dupla fiada de cubo de granito de 0,11m. Optou-se, no entanto, por estabilizar o saibro com resinas epoxy, já que o Parque tem alguns percursos com declives bastante acentuados, o que em chuvadas intensas poderia originar o arrastamento do inerte,



Figura 30 - Simulação gráfica da Torre com slide

Fonte: BB Consulting

depreciando a imagem do Parque bem como dificultando a sua utilização.

Os atravessamentos da linha de água foram reconstruídos em madeira, como material regional de excelência. Junto às casas de madeira do parque temático, esse material também surge com frequência, utilizado como pavimento. Apenas o atravessamento mais comprido e alto será em estrutura metálica com guardas e pavimento em madeira tratada, e a ponte em cordas, não tem como matéria-prima de excelência a madeira.

5.5.3 - Considerações pessoais

No momento de abordagem ao projeto do parque temático, o programa definido tinha outros contornos, essencialmente ao nível da área de intervenção. O projeto de execução estava praticamente concluído, no entanto o novo programa exigia um novo projeto feito quase de raiz. Foi-me então solicitado que reformulasse a proposta existente.

Quando peguei no processo deparei-me com diversos problemas, o levantamento topográfico existente estava incompleto, fator que afetava toda a proposta, apresentava diversos erros, exemplo disso era a linha de água que atravessa a área do parque, que estava representava com dimensões exageradas, não correspondendo à realidade do local.

Foi necessário solicitar um novo levantamento topográfico, mais pormenorizado da área da ribeira, que apresentava uma galeria ripícola bem constituída e bastante densa, fator que ainda assim condicionou o resultado final do levantamento.

Com algum esforço consegui conciliar a planta existente com o novo levantamento, e assim pude prosseguir o trabalho.

A proposta anterior apresentava uma área de intervenção que correspondia ao dobro daquela que foi tratada. O projeto estava dividido em duas áreas distintas, uma “pública”, e uma “privada”. O Município de Paredes pretendia agora apenas realizar a parte “privada”, área destinada à localização do parque temático, sendo essa então a minha área de intervenção. Pretendia também a colocação de novos equipamentos que permitissem o atravessamento das duas margens do ribeiro, problema solucionado com a colocação de “slides”, e pontes de corda, para que ao mesmo tempo o atravessamento possibilitasse diferentes experiências aos utilizadores do parque.

O projeto do Parque Temático em Rebordosa foi dos mais morosos no meu período de estágio, pelo que, conseqüentemente, foi dos mais enriquecedores ao longo do tempo, pelo

desafio que provocou e os problemas que iam surgindo no decorrer do processo. Foi sem dúvida o projeto que proporcionou uma maior simbiose de trabalho com o departamento de arquitetura, uma vez que os projetos de arquitetura não eram o projeto estruturante do espaço e estavam condicionados ao projeto de arquitetura paisagista.

Durante o processo de realização do projeto tive sempre de fazer a “ponte” entre a arquitetura paisagista e a arquitetura, pois alguns dos edifícios sustentariam equipamentos propostos pelo projeto de arquitetura paisagista, como a “torre do castelo” da qual sai um slide para a outra margem do parque, ou a “casa do bicho cupim” que ostentava dois escorregas. Ainda quanto a esta simbiose de trabalho senti também que fui fundamental com o meu apoio na execução das simulações gráficas.

O resultado final do projeto foi para mim satisfatório, pois a realização de um projeto de arquitetura paisagista com esta tipologia, fez sempre parte dos meus objetivos profissionais. Apesar do resultado final ter sofrido poucas alterações, ao nível do desenho, em relação ao projeto existente, senti que no final ele tinha a minha marca, o que foi gratificante a nível pessoal.

Em comparação com o desenvolvimento do projeto do “Parque do Picoto, que apresenta uma tipologia semelhante, o projeto do parque temático foi muito mais aliciante, pois apresentava um programa mais livre, no sentido em que era possível recorrer a uma maior experimentação de soluções. No entanto, o facto de ser um parque que se desenvolve sobre um conceito previamente concebido, existia uma maior exigência no programa do parque temático, para que o conceito fosse transmitido de uma forma clara no desenho. A componente de se tratar de um parque “privado”, alterou também a forma de pensar o espaço e dos seus utilizadores, enquanto o Parque do Picoto será frequentado por diferentes e diversas pessoas de diferentes classes etárias, o Parque Temático em Rebordosa tenderá a ser visitado por grupos de escolas e famílias em geral, e foi a pensar nesse público-alvo que algumas opções foram tomadas, como por exemplo garantir que existam áreas amplas e pontos de encontro / concentração.

5.6 - Projeto do Minigolfe de São Pedro Nordestinho – São Miguel - Açores

Data do projeto	maio/junho 2010
Fase do projeto	Projeto de execução
Tipologia de espaço	Espaço desportivo
Cliente	Nordeste Ativo E.M.
Área de construção	33250 m ²
Estimativa orçamental	620.000,00€
Escala representada	1/500

Figura 31 - Quadro resumo do Projeto do Minigolfe de São Pedro Nordestinho – São Miguel - Açores

5.6.1 - Lugar e programa



Figura 32 - Localização da área de intervenção

Fonte: Google Earth



Figura 33 - Situação atual da área de intervenção

Fonte: BB Consulting

Localizado na ilha de São Miguel o Minigolfe de São Pedro Nordeste promete ser uma aposta de sucesso, quer pela diversidade do programa preconizado quer pelos valores naturais intrínsecos da paisagem em que se insere. O espaço em que se pretende construir o minigolfe beneficia de um posicionamento extraordinário, num ponto sobranceiro limitado a norte e nascente pelo Oceano Atlântico. O espaço naturalmente verdejante faz, pelas suas características singulares, lembrar um campo de golfe, o que talvez tenha influenciado o programa.

A intervenção deverá ter em conta a proximidade à Ermida de Nossa Senhora da Conceição, destino muito importante na peregrinação religiosa da ilha, e as atividades propostas para este local não poderiam afetar o sossego e introspeção próprios da peregrinação. Por outro lado, o valor paisagístico presente teria que ser tido em conta e valorizado, o que reforçou a opção do golfe como atividade respeitadora do ambiente, mas também que movimenta um mercado interessante de turismo, apostado num turismo de qualidade, informado e também ele apreciador da beleza natural, principal trunfo do arquipélago dos Açores.

O programa de intervenção conta assim com a criação de um minigolfe de 36 buracos, com as condições para receber competições internacionais desta modalidade desportiva, pelo que foram conjugadas duas pistas de 18 de buracos; uma de *miniatur-golf* e outra de *felt-golfe*. Encontra-se ainda definida a construção de um *driving-range* com 300 jardas e 11 *tees* cobertos, para o treino de tacadas longas. Os compartimentos para cada *tee* serão divididos com uma solução em ripado de madeira e trepadeiras, privilegiando uma imagem bastante naturalizada e enquadrada com a envolvente.

Existem na área de intervenção dois edifícios devolutos que deverão ser alvo de

requalificação: um deles será reconvertido numa cafetaria e o segundo terá uma ocupação de sala polivalente. Um terceiro edifício, proposto, deverá ser localizado junto à entrada, de modo a poder funcionar como receção, “*clube house*” e também aí se poderá alugar o material necessário para a prática do minigolfe. Este edifício estará associado ao *driving-range*, este terá uma cobertura em estrutura de ferro e cobertura de madeira, com uma placa de policarbonato, que proteja da chuva.

5.6.2 - O Projeto

Pretende-se que este espaço tire partido da beleza do espaço e a sublinhe, através de um desenho bastante simples, numa escolha de materiais bastante enquadrados e com um recurso a pavimentos essencialmente permeáveis. O material vegetal selecionado deverá ser adequado às condições edafoclimáticas do local, dando preferência à



Figura 34 - Simulação gráfica da área de recepção do Minigolfe

Fonte: BB Consulting

vegetação endémica da ilha de São Miguel, com a precaução presente de não introduzir plantas infestantes. A vegetação surgirá assim como o elemento de composição fundamental deste novo espaço de lazer.

Propôs-se uma rede de percursos hierarquizada, podendo destacar-se a rede de percursos criada a partir da entrada, mais generosa ao nível de largura dos percursos e que se bifurca permitindo o acesso aos edifícios existentes a recuperar e aos circuitos de minigolfe. Esta rede caracteriza-se por ser bastante direta e intuitiva, a inserção dos percursos de forma axial, fazendo lembrar a inserção dos ramos numa árvore (Anexo 006).

Essa rede subdivide-se numa de hierarquia inferior: o circuito de minigolfe, este tem uma configuração angulosa e largura reduzida, convidando a uma utilização mais prolongada e não ficando toda a extensão do circuito exposta, o que poderá ser dissuasor e aumentando assim a sensação de descoberta do espaço. Os circuitos serão implantados, de modo a,

permitirem a utilização sequenciada ou isolada das pistas de minigolfe.

Propôs-se ainda que os percursos sejam em bagacina, com remates em cubo de calcário, de modo a salvaguardar a permeabilidade deste, mas assegurando, uma maior durabilidade que um material de granulometria solta. Associados a estes percursos angulosos serão criadas áreas em deque de madeira com bancos e mobiliário urbano, que permitam o descanso dos jogadores entre pistas.

A vegetação foi selecionada de acordo com o elenco vegetal da ilha, valorizando os elementos próprios desta e sublinhando o carácter natural do espaço, de uma beleza sem artifícios, sendo um elemento compositor do espaço, definindo eixos e limites, usada na criação de ambientes específicos, ganhando densidade nalguns pontos, de modo a tornar mais luminosas as clareiras.



Figura 35 - Simulação gráfica da vista aérea da proposta

Fonte: BB Consulting

O elenco vegetal arbóreo deverá ser constituído por árvores de grande, médio e pequeno porte, permitindo pontuar o espaço, ensombrar áreas de estadia, e consolidar sebes de vegetação. Por outro lado, deverão também ser selecionadas espécies de arbustos (tais como as hortênsias), de modo a criar maciços arbustivos, nos taludes e áreas de enquadramento, na

envolvente dos circuitos de *mini-golfe*, mas também sebes arbustivas, junto à vedação do *driving-range*.

Na escolha dos materiais seguiu-se o conceito de integração com a envolvente, procurando, sempre que possível utilizar materiais presentes na paisagem da ilha. Assim, os pavimentos serão em bagacina e rematados com uma dupla fiada de cubo de calcário; os muros de limite do espaço deverão ser em pedra montada da região (basalto), à semelhança das construções existentes. As áreas de estadia associadas ao circuito de minigolfe serão em deque de madeira, um material que induz uma sensação de conforto muito favorável para a estadia. Apenas o parque de estacionamento e passeios adjacentes aos campos de *mini-golfe* se subtraem a esta lógica, sendo pavimentado a blocos pré-fabricados de betão.

5.6.3 - Considerações pessoais

Nesta fase de estágio sentia-me já inteiramente adaptado no ateliê e nas equipas que se iam formando a cada projeto, sentia cada vez mais que as minhas capacidades estavam a ser notadas, e que a equipa poderia contar comigo para a realização dos processos que iam surgindo. Pela segunda vez no estágio tinha pela frente um projeto em que a Arquitetura Paisagista era a disciplina principal e pilar base para todas as especialidades.

O projeto do Minigolfe de São Pedro Nordestinho era o primeiro projeto que iria realizar, daqueles que estavam definidos no meu programa de estágio, apesar de não ter ocorrido no tempo inicialmente definido, devido ao ritmo de trabalho do ateliê e dos objetivos prioritários para a empresa, mas era com bastante satisfação que encarava o trabalho, uma vez que era dos que mais me tinha despertado a atenção e vontade de desenvolver no início do estágio.

A minha função seria somente realizar o projeto de execução. No entanto, quando comecei a analisar o estudo prévio, deparei-me com situações que necessitavam de ser revestidas e reformuladas, e conseqüentemente algumas alterações ao desenho existente, conduzindo a uma pormenorização do estudo prévio. Um exemplo desta problemática era o facto de as plataformas das pistas de *minigolfe* não terem sido equacionadas quanto à sua implantação altimétrica, o que me levou, forçosamente, a redesenhar o sistema de percursos propostos, de modo a existir um balanço mais equilibrado entre os volumes de terra a escavar e a aterrar.

Um fator desafiante na realização deste projeto foi quanto à escolha dos materiais, pois a realidade dos Açores é bem diferente do Continente, e era fundamental dar relevância aos materiais da região, de modo a que a proposta se enquadrasse melhor com a paisagem envolvente, pois este era um dos objetivos principais da conceção do projeto. Para uma maior

aproximação à realidade do local foi importantíssimo o apoio prestado pelo Arq. Paisagista Ricardo Campos, que tinha recolhido algumas amostras de inertes com diferentes características, aquando da sua ida à ilha para a reunião prévia ao início do desenvolvimento do processo.

Quanto à tipologia, o facto de se tratar de um espaço desportivo, obrigou a uma pesquisa sobre a atividade em causa, e as suas exigências para que a prática do desporto decorra sobre as normas internacionais, exemplo dessas normas é o facto de as plataformas de *minigolfe* ou *felt-golf* estarem obrigatoriamente posicionadas num percurso contínuo, de modo que um jogador percorra o “circuito” só num sentido.

5.7 - Centro Escolar do Fundão

Data do projeto	maio/junho 2010
Fase do projeto	Anteprojeto / Projeto de execução
Tipologia de espaço	Recinto escolar
Cliente	Câmara Municipal do Fundão
Área de construção	4580 m ²
Estimativa orçamental	83.900,00€
Escala representada	1/200

Figura 36 - Quadro resumo do projecto do Centro Escolar do Fundão

5.7.1 - Lugar e programa



Figura 37 - Localização da área de intervenção à escala da cidade do Fundão

Fonte: Google Earth

O novo Centro Escolar do Fundão pretende estar dotado de equipamentos e infraestruturas destinados a servir alunos do 1º ciclo e pré-escolar. Com uma área de intervenção com cerca 4580 m², o Centro Escolar do Fundão localiza-se no centro urbano da cidade, onde atualmente existe um edifício que serviu a população como mercado. Na sua envolvente encontram-se diversos edifícios de serviços e a noroeste o Pavilhão Multiusos da cidade que tem associado um importante espaço verde bastante frequentado pela população local, a área de intervenção limita ainda com uma importante via rodoviária da cidade do Fundão, prevendo assim que o Centro Escolar desempenhará um importante papel no futuro.

Atualmente o espaço encontra-se pavimentado essencialmente com pavimento impermeável (pavimento betuminoso), característica que se pretende inverter com esta proposta, tentando dar uma maior permeabilidade ao espaço.

O edificado proposto pela arquitetura ocupa uma área total de construção de 2200 m², fracionando o espaço em dois pátios, que deverão ser equipados com infraestruturas de apoio ao recreio infantil. Cabe ainda à disciplina de Arquitetura Paisagista a requalificação dos espaços exteriores ao recinto escolar e o seu enquadramento com a malha urbana.

5.7.2 - O Projeto



Figura 38- Simulação gráfica sobre o alçado sul do Centro Escolar

Fonte: BB Consulting

A filosofia de intervenção pretende valorizar o espaço e a sua vivência, atribuir-lhe novas funcionalidades, bem como reorganizar o espaço, sem no entanto, desvirtuar aquilo que se considera serem os elementos identificadores do espaço. Foi feita uma abordagem dinâmica

ao espaço, com a introdução de jogos cromáticos entre os pavimentos, os elementos vegetais e o edifício, que exploram a riqueza e diversidade sazonal da vegetação, ao nível de texturas, cores e aromas (Anexo 007).

A proposta de intervenção visou esclarecer de forma clara e precisa, a conceção de um centro escolar nos seus aspetos programáticos, funcionais, construtivos e estéticos, dotando o espaço escolar com a implantação de um conjunto de infraestruturas e equipamentos de apoio que possam servir tanto as crianças do jardim-de-infância, como também os restantes alunos, uma vez que as suas necessidades são distintas.

O edifício terá uma implantação bastante dinâmica que, pela sua forma marcada permite a criação de diversas zonas distintas de recreio livre e lazer: uma infantil, uma juvenil, à qual está associada a implantação de uma zona de merendas e de hortas pedagógicas, usufruindo da implantação e forma do edifício. Estas zonas, deverão ainda contar com a distribuição de algum mobiliário urbano, convidando à estadia e ao lazer.

Os pavimentos utilizados procuraram reforçar a unidade do espaço, pelo que se selecionaram pavimentos sóbrios, dando apenas preferência aos pisos semipermeáveis. Assim, a maior parte dos percursos serão pavimentados em blocos e lajetas de betão, em duas cores: amarelo e cinzento. Esta opção permite a criação de efeitos de contraste e jogos de pavimentos. Por outro lado, as zonas de recreio serão pavimentadas com piso amortecedor de várias cores, contrastando com os pavimentos envolventes.

A vegetação é o elemento de enquadramento do espaço, mas surge também como um elemento de composição: definindo eixos, manchas e clareiras, através da disposição de alguns elementos arbóreos, maciços de vegetação e prados.



Figura 39 - Simulação gráfica sobre o alçado norte do Centro Escolar

Fonte: BB Consulting

Ao longo do pátio central propôs-se a plantação de uma árvore de folha caduca (*Acer palmatum*), de modo a garantir o ensombramento no Verão e não ensombrar demasiado o espaço no Inverno, de modo a ser um elemento marcante do espaço, remetendo para a situação que acontece no pátio do jardim-de-infância através do cipreste já existente, que se pretende preservar. Foi proposta a criação de dois muretes/floreiras de forma



Figura 40 - Simulação gráfica do recreio pré-escolar

Fonte: BB Consulting

triangular no pátio de menor dimensão, um para proteger o elemento arbóreo existente e um segundo para a plantação de pequenos arbustos (*Santolina chamaecyparissus*), estes muretes podem também ser utilizados como bancos.

A seleção do elenco vegetal procurou responder a preocupações de adaptação deste às condições da região, reduzindo assim as necessidades de rega e custos de manutenção, procurando também amenizar a vivência do espaço, tendo o cuidado de não colocar em risco os seus utentes, evitando as espécies com bagas venenosas, espinhos e/ou outras características passíveis de ferir os utentes do espaço.

Numa vertente pedagógica propôs-se a criação de uma zona destinada a hortas pedagógicas, com cerca de 90m², que estarão delimitadas por muretes de alvenaria, e as parcelas são formalizadas por um sistema de percursos em terra batida com remate em troncos de madeira.

Os equipamentos de recreio infantil propostos foram selecionados com o intuito de estimular as sensações dos seus utilizadores, sendo atrativos, agradáveis, proporcionando o bem-estar, o conforto necessário, o convívio e a descontração. Quanto à sua implantação foram seguidas as leis/normas de segurança e proteção em vigor (Decreto-Lei nº 379/97, de 27 de dezembro, Portaria nº 379/98, de 2 de julho, Portaria n.º 506/98, de 10 de agosto, Norma Europeias em vigor - EN 1176 e 1177).

Quanto à intervenção no espaço exterior ao recinto escolar, a proposta consiste no enquadramento paisagístico do Centro escolar com a envolvente. Foram propostas zonas de prado e manchas de arbustos de diferentes espécies, que intentem a criação de jogos cromáticos, assim como de texturas e aromas associados à sazonalidade de cada espécie. Na envolvente, estão já presentes diversos elementos arbóreos definindo eixos, o que provocou a não proposta de qualquer outro elemento arbóreo.

5.7.3 - Considerações pessoais

Os espaços escolares serão talvez, dos espaços abertos que um arquiteto paisagista poderá criar, aqueles em que a *interface* utilizador / espaço está mais evidenciada, no sentido em que todo o espaço será vivenciado em todo o seu esplendor. Esta tipologia de espaços cria um ambiente propício ao convívio e partilha de experiências entre os alunos, estimulando os seus sentidos, atividades físicas e relações sociais, transformando-se num espaço livre complementar aos espaços letivos, representando um papel de antítese a este último.

No processo de desenho deste espaço o maior desafio para o arquiteto paisagista, foi, sem dúvida, criar um espaço que incorpore várias atividades no exterior (convívio, desporto, lazer, aprendizagem), oferecendo um ambiente diversificado, estimulante e criativo, mas que ao mesmo tempo garanta o bem-estar e segurança aos seus utilizadores.

Visto que este projeto estava também definido no programa inicial do estágio, e devido ao interesse que me despertava esta tipologia de espaço, foi um projeto que fui desenvolvendo nos *tempos mortos* do estágio, focando-me em trabalhos como a seleção do elenco vegetal ou a modelação do terreno, o que se tornou bastante vantajoso na fase *a posteriori*, quando no início de maio me foi pedido que desenvolvesse o anteprojecto, fase de projeto que até então não tinha tido oportunidade de explorar. Esta fase de projeto era bastante simples, sendo apenas necessário indicar as áreas do espaço quanto à sua permeabilidade e tipo de materiais propostos. No entanto, a arquitetura do edifício tinha sofrido algumas alterações e o trabalho que tinha feito anteriormente, como a equação de algumas soluções propostas e alteração das mesmas para uma solução mais equilibrada e funcional, foi fundamental para a urgência que se pedia para a conclusão desta peça desenhada.

Findo o processo do Minigolfe era tempo agora de me dedicar na íntegra ao desenvolvimento do projeto de execução do centro escolar, como o projeto já tinha vindo a ser desenvolvido ao nível de projeto de execução ao longo do estágio, e as minhas capacidades autónomas de

trabalho estavam cada vez mais eficazes, senti que poderia desenvolver o processo de modo a obter o melhor resultado possível. No entanto, foram surgindo a cada dia novas questões a nível funcional e estrutural, necessitando de alterações a nível do desenho, o que provocou que tivesse uma atitude expedita para com o desenvolvimento das peças desenhadas.

Tomei como objetivo principal de desenho a integração da escola/recinto escolar/espços exteriores como um todo, de modo a garantir um equilíbrio entre o existente e o proposto, numa solução final funcional e eficaz.

Como mais-valia este projeto proporcionou-me a oportunidade de contacto com as diferentes soluções existentes no mercado de equipamentos infantis, pois era fundamental propor equipamentos que servissem as diferentes faixas etárias dos utilizadores, que não auferem das mesmas necessidades e capacidades de uso dos mesmos. Assim como o contacto com a legislação portuguesa e normas europeias em vigor, para a conceção desta tipologia de espaços, não de todo desconhecida por mim.

6 – Conclusão

O estágio curricular assegura a continuidade de um percurso acadêmico, estabelecendo uma “ponte” entre a universidade e o meio socioprofissional. Será aparentemente, a transição mais suave para se transpor para a realidade todo o conhecimento adquirido ao longo dos anos na universidade. No entanto, impõe objetivos imediatos, confrontando o licenciado com o exercício profissional, despertando nele novas aptidões e habilidades para enfrentar os novos problemas do cotidiano.

O meu primeiro contacto com o mundo da profissão de arquiteto paisagista foi como descobrir um mundo novo, sem quase saber o que fazer, mas à medida que os projetos surgiam o medo de errar e a aparente falta de conhecimento desapareciam, despertando novas capacidades e competências, ajudando a comprovar a formação cultural, científica, técnica de nível universitário.

A experiência de estágio era então a oportunidade para desenvolver valências mais técnicas, que talvez tenham sido pouco exploradas no percurso letivo.

A prática do estágio confirmou uma procura pessoal, o esclarecer de um ciclo. Disponibilizou matéria para sedimentar conhecimentos, variedade de questões e respostas, liberdade para experimentar, autonomia, independência para crescer, e sobretudo partilhar para aprender com todos. O estágio serviu como uma segunda escola, que permitiu estimular a imaginação, aprender com os erros, refletir sobre as problemáticas e obstáculos da profissão.

A diversidade de projetos que foram surgindo durante o tempo de estágio, foram de encontro às minhas expectativas, ajudando a desenvolver o tema deste relatório, pois os projetos foram sempre surgindo com diferentes tipologias, que diretamente ajudou a desenvolver uma capacidade de adaptação a cada tipologia de espaço, abstraindo da anterior, proporcionando diferentes maneiras de pensar o projeto.

A experiência foi ainda enriquecida pela diversidade de atividades, que contribuindo a nível individual e coletivo, desenvolveram gradualmente determinadas competências, desde tarefas de rotina de ateliê (arquivo, gestão e funcionamento), passando pela simples participação no decorrer de cada projeto (conceção, discussão de ideias), ao desenvolvimento de capacidades técnicas relativamente à produção (desenho assistido por computador – CAD, telas finais, peças escritas, simulações gráficas); em particular o planeamento de trabalho e cooperação

em equipa apresentação direta ao cliente, e a indispensável pesquisa sobre os temas abordados.

Apesar de todos os aspetos positivos que marcaram esta experiência, também existiram alguns negativos. Formas de trabalho desajustadas segundo a minha perceção, ou insuficientes visitas de campo, e relacionamentos interpessoais inadequados. Contudo, estes obstáculos fizeram-me sentir mais preparado para enfrentar o mercado de trabalho e mais confiante no desempenho das minhas funções. Outro hiato verificado durante o estágio foi a inexistência de contacto com a obra, que ajudaria bastante no aprofundamento dos conhecimentos dos materiais e os trabalhos inerentes, porém esta experiência terá de esperar, pois durante o período do estágio e posteriormente não decorreram quaisquer tipos de obras associadas à disciplina da Arquitetura Paisagista.

A noção de um projeto como um todo, só é assimilada pelo fator tempo aplicado ao processo, desde a gestão inicial (recursos, honorários, legislação interveniente); pesquisa e formalização da proposta; à aplicação em obra; e contacto com todos os intervenientes do processo (equipa, clientes, fornecedores, colaboradores).

Em suma, penso que o estágio foi bastante positivo, colocando-me diversas questões quanto à prática da Arquitetura Paisagista, como é que o raciocínio evolui do papel, em sincronismo com a realidade? Quais as suas limitações e quais as suas potencialidades?

Bibliografia

ADORNO, Theodor W.; *“Teoria Estética”*; *Arte e Comunicação*; Edições 70; Tradução Artur Morão; Frankfurt, 1970

ANDRESEN, Teresa; *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003

BARRETO, A. Viana; VALLE, Margarida; BARRETO, Francisco Salvação; *Manual de projecto: Arquitectura Paisagista*, Parque escolar, 2009

BELL, Simon; *Elements of visual design in the landscape*, E & FN Spon, Londres, 1993

CABRAL, Francisco Caldeira; *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*, Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa, 2003

CABRAL, F. Caldeira; TELLES, G. Ribeiro; *A árvore em Portugal*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1999

JANSON, H. W.; *História da Arte*; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989

JAKLE A. John; *The Visual Elements of Landscape*. The University of Massachusetts Press. Amherst, 1987

LAMAS, José M. Ressano Garcia; *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.

MAGALHÃES, Manuela R.; *A arquitectura paisagista: morfologia e complexidade*, Editorial Estampa. Lisboa, 2001

MARTIN Jr, Edward C.; *A photographic guide, landscape plants in design*, AVI, Westport, CT, 1983

Legislação consultada:

Decreto-Lei nº 379/97, de 27 de dezembro;

Portaria nº 379/98, de 2 de julho;

Portaria nº. 506/98, de 10 de agosto;

Portaria nº. 701 – H, de 29 de julho;

Norma Europeias - EN 1176 e 1177.

Anexos

Anexo XIII – Percorso Religioso